Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Casa de Oswaldo Cruz

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ**
**CASA DE OSWALDO CRUZ**

# *MARIA DO CARMO LEAL*

**(Entrevista)**

**Ficha Técnica**

Projeto de pesquisa – Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP): 50 anos de história

Entrevistada – Maria do Carmo Leal (ML)

Entrevistadora – Maria Cristina Fonseca (CF)

Data – 02/06/2004

Duração – 1h48min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

LEAL, Maria do Carmo. *Maria do Carmo Leal. Entrevista de história oral concedida ao projeto Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP): 50 anos de História*, 2004. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 41p.

Data: 02/06/2004

**Fita 1 - Lado A**

CF – Hoje é dia 2 de junho de 2004, vamos dar início então à entrevista com a pesquisadora Maria do Carmo Leal para o projeto dos 50 Anos da Escola Nacional de Saúde Pública, com a pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz, Cristina Fonseca. Bom, Duca, a gente já começou a conversar aqui informalmente, né? Você... eu queria só recuperar um pouquinho, como você é uma pessoa que está na Escola há muitos anos, né, recuperar um pouco da sua história, do seu ingresso. Como é que você veio pra Escola, você fez curso básico aqui, fez curso de Epidemiologia, fez uma série de cursos, né, o mestrado e tal. Eu queria só recuperar um pouco dessa sua trajetória, né? Quer dizer, você fez Faculdade de Medicina na Bahia, né?

ML – É.

CF – E durante o seu curso, durante a faculdade, você já tinha idéia de que você ia fazer especialização em Saúde Pública... como é que foi essa sua direção no caminho?

ML – Decisão, né? É... eu no terceiro ano, no 2º ano de faculdade eu comecei a ter essa disciplina de Saúde Pública, de Epidemiologia, chamava "Saúde Coletiva", lá na Bahia, né, com o Sebastião Loureiro que foi uma figura importante na criação do grupo da Saúde Coletiva na Bahia. E eu fiquei assim encantada porque foi uma nova forma de enxergar a doença, a saúde, que eu não tinha até então porque estava nas cadeiras básicas.

CF – Em que ano foi isso? Foi...

ML – Foi em 77. E ao mesmo tempo eu já era assim uma aluna bem diferente porque eu, na minha turma foi a primeira da reforma universitária. Essa turma que entrou na faculdade em 75, foi quando a reforma universitária aconteceu. Então na Faculdade de Medicina a gente poderia fazer disciplinas em outras áreas e eu como já era meio inquieta porque eu gostava muito de ler e gostava muito de literatura, eu já tinha umas inquietações que me fez descobrir outras coisas na universidade, não na faculdade propriamente, o que não era muito comum nos alunos de Medicina. Então eu fui fazer, por exemplo: Geografia Humana. Eu fui fazer logo no 2º ou no 3º ano. Me inscrevi em História Greco-romana... Fui fazer Folclore, uma série... Antropologia... foram disciplinas que eu fazia sempre uma em cada semestre, que era fora da Medicina, que tinha a ver com a área de Humanas, mas que me encantava. E quando eu cheguei na Preventiva, eu exatamente encontrei esse casamento: eu vi que dentro da Medicina eu poderia fazer alguma coisa que tinha a ver com essa compreensão mais inteira, enfim, das coisas e que o adoecimento fazia parte desse contexto complexo, né, que é a vida e que na verdade na medicina a gente não vê muito isso nas cadeiras básicas.

CF – Aí já tinha uma sensibilidade pra essa área (??) (falam ao mesmo tempo)

ML – Fiquei encantada. Tinha e fiquei encantada. Fiquei encantada! Daí o que foi que eu fiz: eu fui fazer o concurso pra Iniciação Científica e eu me destaquei então na disciplina lá que o Sebastião dava. Eu fui uma aluna que ele, que chamou a atenção dele porque eu tinha essas inquietações todas já. Daí ele me chamou: "Olha, vai ter prova, você não quer...?" Eu já era monitora porque eu era boa aluna, eu já era desde o 1º ano eu fui chamada pra ser Iniciação Científica. E eu comecei na Bacteriologia, eu já estava com a minha bolsa de Iniciação Científica. Que no 1º ano o professor me chamou e eu entrei no 2º ano. E no 2º, quando eu tive essa cadeira, o Sebastião Loureiro me chamou pra fazer então pra ele, pra Preventiva. E aí eu resolvi fazer e larguei a outra que era área básica, que eu também tinha gostado e tal, eu gostava de laboratório. Aí eu fui fazer, daí pronto, já estava decidido que eu ia fazer aquilo. E eu tive a experiência muito grande na época lá na Bahia, porque já era, já fervilhava a coisa da Saúde Pública, lá da Saúde Coletiva. Já era uma coisa que tinha força, né, com aquele grupo do Sebastião, que já tinha feito mestrado em Londres, já era uma pessoa assim do mundo, que era uma coisa rara naquela época, né, nos anos 70. Então eu tive oportunidade de fazer muitos trabalhos de campo pelo interior como aluna da Faculdade de Medicina na Medicina Preventiva, né? Na verdade, na época chamava de "Medicina Preventiva". E eu fui fazer vários trabalhos de campo no interior da Bahia o que me fez ficar mais ainda envolvida com a questão da Saúde Pública.

CF – Como é que era esse trabalho de campo? O que vocês faziam?

ML – A gente fazia levantamentos populacionais, principalmente, na época, a gente fazia muito exame coprológico de fezes, tinha muito exame parasitológico, tinha muita coisa assim que se fazia, porque o Sebastião estudava esquistossomose *mansoni*. Então a gente fazia muito trabalho que tinha a ver com o doutorado dele, fazia o trabalho de campo, ajudava a coletar dados, a gente tinha um estudo que foi em toda a Bahia, uma amostra no estado todo. Então viajei muito pelo interior da Bahia fazendo esse estudo e engraçado, como eu tinha essa formação de laboratório e eu gostava, eu era chefe do laboratório no trabalho de campo. *(ri)* Quem fazia todos os exames de laboratório era eu, entendeu*? (risos)* Então além de eu ir no campo eu fazia a parte de laboratório. Então eram muitas amostras de fezes pra fazer exames. E tinha uma... o Sebastião já era um cientista na época, então a gente tanto fazia o exame laboratorial comum, esse que se faz, o exame coprológico comum, pra identificar os parasitos, quanto eu fazia também a contagem que é um método chamado de "Kato". E... enfim, eu fazia também. Tinha esse método (*falam ao mesmo tempo*) (??) a quantidade, o quanto que o indivíduo está infestado, entendeu? Eu media a quantidade de infestação. E foi uma experiência muito grande. Quando eu acabei, no final da faculdade, a Bahia estava passando pela reforma do Pelourinho. Sabe a reforma arquitetônica do Pelourinho? E nós tínhamos, eu, o (*Nalmar*?), que era meu colega, fazia parte do meu grupo lá da Bahia, Nalmar, eu, o (*Renílson*?) (?) que foi depois aqui o secretário de Assistência à Saúde do Ministério... e nós éramos como irmãos, assim, nós três. E tinha também o Fernando, Fernando... Fernando... lá da Bahia, que era também do mesmo grupo. Então o que aconteceu é que como a gente fez Antropologia junto, nós fizemos juntos, nos matriculamos juntos, o professor de Antropologia que era um antropólogo conhecido lá da Bahia, ele nos convidou pra fazer um estudo sobre a condição de saúde das prostituas que habitavam o Pelourinho naquela época porque ia se tirar aquelas prostitutas daquela região e transferir porque estava fazendo toda a parte de recuperação arquitetônica daquela área. Então nós fizemos também um primeiro

estudo, que pra mim, assim, é um estudo de condição de saúde da população, das prostitutas do Pelourinho. Então o trabalho foi feito por mim, o Nalmar e o Renílson. Sabe, assim, porque o (*Costa Lima*?) chamou a gente. Então foi esse trabalho que eu trouxe, inclusive, pra me candidatar nos cursos aqui no Rio, quando eu terminei a faculdade, eu vim então.

CF – Aí, quer dizer então, quando a senhora terminou a faculdade já tinha claro que iria se especializar...

ML – Já estava completamente definida. Já tinha uma experiência bem grande de trabalho de campo, já era uma epidemiologista razoável, à época.

CF – E por que o Rio? Porque já tinha Faculdade de Saúde Pública em São Paulo também.

NL – Eu fui fazer e eu fiz a Faculdade de Saúde Pública, fiz a prova pra USP. Eu fiz a prova de residência pra USP e pra UERJ, porque eu não vim aqui direto pra Fiocruz.

CF – É porque já existia o curso de Medicina Social também.

ML – Já existia. E era um instituto também poderoso na época, era um grupo muito bom. Eles foram muito importantes também na constituição desse movimento de Saúde Coletiva. Então eu fiz a prova pra os dois. E eu passei nos dois, mas eu tive um problema na USP que só tinha duas vagas. E na USP eu concorri *(ri)* – é uma coisa até meio complicada de falar – mas eu concorri com uma menina que eu não me lembro o nome, que era... olha, uma garota que fez Iniciação Científica lá na Faculdade de Medicina da USP. E na verdade eles não conseguiram decidir pela minha... por mim. Disseram que nós tínhamos empatado, fizeram uma imensa maldade comigo porque na verdade, eu acho que quem passou fui eu. Porque eu era de fora e eles disseram que eu empatei. Empatei na verdade porque eu acho que eu fiquei com muita... eu fiquei tímida na entrevista, nunca tinha ido a São Paulo. Fiquei tímida, não me dei bem na entrevista, mas eu tinha feito uma prova melhor que ela. Aí eles disseram que eu tinha feito uma prova melhor, mas tinha ido mal na entrevista. Olha, ela sendo de casa ela tinha que ir bem na entrevista. Aí disseram que a gente tinha eu fazer uma outra prova, eu não sabia muito dos meus direitos à época, né, e nem tinha essas coisas como tem hoje assim, dos direitos dos alunos, era uma época difícil na universidade. E eu topei fazer uma segunda prova. E aí na segunda prova eles disseram que ela tinha ido melhor, quer dizer, fizeram uma maldade comigo. Aí eu vim me embora, tinha me inscrito na UERJ e aqui eu tinha passado em primeiro lugar na... na...

CF – ...Medicina Social.

ML – ...na Medicina Social. Tinha passado em primeiro aqui. aí eu voltei pra Salvador e me organizei pra vir pra o Rio. Daí, de São Paulo, lá da USP, me ligaram dizendo que tinha uma vaga pra mim, que eles tinham achado. Eles ficaram muito... assim, sensibilizados com a maldade que fizeram comigo, né? Arranjaram uma outra vaga pra residência. Aí eu mandei agradecer, eu disse que eu não queria mais porque eu já tinha sido suficientemente esclarecida de qual era o esquema, entendeu? Na verdade (*ela adotou*?) ... Enfim, foi uma situação muito

chata. Mas eu vi que o Rio foi melhor pra mim, porque o Rio é mais parecido com a Bahia. Eu acho que eu fiz uma escolha muito correta. Daí vim...

CF – Mas aí você veio pra UERJ então.

ML – Fiquei três meses na UERJ. Na verdade, era o ano inteiro. A residência era péssima, da UERJ. Era residência, chamava, em Medicina Integral, mas era muito ruim. Tinha gente assim: do Rio, tinha pouca gente...

CF – Em que ano foi isso, Duca?

ML – 76.

CF – 76.

ML – Tinha muita gente de São Paulo, inclusive o Álvaro... o Álvaro (?) foi colega meu nessa residência... enfim, tinha gente de vários lugares, mas a Suely, (??), foi minha colega. Vinha gente da USP, de vários lugares fazer, mas era muito ruim. Muito ruim mesmo! Quando chegou no meio do ano eu não estava aprendendo nada. A residência aqui muito mal estruturada, eles não cuidavam bem da residência, acho que já tinham começado o mestrado, todo o investimento estava sendo feito no mestrado e a residência estava muito mal. A gente não aprendia nada na residência. Aí eu soube que tinha uma instituição chamada Fundação Oswaldo Cruz. Na realidade não soube da Fundação, soube da Escola Nacional de Saúde Pública. Disseram que aqui as coisas eram muito boas. Aí eu vim aqui no meio do ano, antes do meio do ano, falava que eu queria conhecer e tal, na época era o dr. Oswaldo Costa, diretor. Aí eu vim aqui conhecer como é que era, soube do curso, o curso era uma coisa, o curso de Saúde Pública, tinha sofrido uma reforma radical no curso com o Arlindo coordenando junto com a Lenita e a Tizuko, tinha sofrido uma radical mudança. O curso de Saúde Pública era uma coisa assim interessantíssima e eu fiquei apaixonada por aquilo e falei: "Vou ter que vir." E era muito tímida, sabe? Tive a maior dificuldade de falar na UERJ, mas eu tinha que dizer que eu não podia ficar lá. Aí eu falei com o Hézio, procurei o Ézio, tive a coragem de enfrentar o papa, aí falei com o Ézio: "Olha, eu estou muito mal aqui, não estou aprendendo nada, eu já fiz partos, inúmeros partos lá na Bahia e aqui eu estou, a minha função aqui é assistir o residente de gineco-obstetrícia fazer parto, eu não estou fazendo nada! Não aprendendo nada, eu não vou ficar aqui!" Eu falei: "Se você não pode consertar essa residência, eu vou lhe dizer uma coisa: então não me atrapalhe. Eu só tenho uma coisa que eu faço aqui que é importante, que é o ambulatório, que eu tenho os meus pacientes crônicos, esse ambulatório é no sábado que eu faço ele. Eu vou continuar fazendo, o resto, eu estar ou não estar aqui não faz a menor diferença. Então eu vou cuidar da minha formação. Eu vou pra Escola Nacional de Saúde Pública, me inscrevi no curso, eu vou fazer a prova pra fazer lá." Fiz isso, me inscrevi, passei aqui na seleção e aí...

CF – No curso básico.

ML – No curso básico. Vim fazer o curso básico aqui que começava no 2º semestre, não começava no começo do ano.

CF – Ah, então deu perfeitamente.

ML – Deu perfeitamente. Deu tempo de eu me organizar e descobrir que ele existia. Aí eu fiz o curso básico aqui.

CF – Quer dizer, então a partir do 2º semestre de 1976.

ML – Exatamente.

CF – Então quando você ingressa é o seu primeiro contato formal com a Escola.

ML – ...com a Escola. Aí eu fico. Acontece que nessa época estavam chegando os paulistas. Por que é que eu me meti com essa coisa e conheci o Arouca. Porque era aluna. Nesse curso, no curso seguinte que eu fiz, que foi de Epidemiologia, o Eduardo foi meu professor. (??) (*falam ao mesmo tempo*)

CF – (??) vamos falar primeiro um pouquinho do curso...

ML – Do básico.

CF – É. Como é que era esse curso, você lembra? Quem eram os professores, tinham muitos alunos...

ML – Tinha, muitos alunos!

CF – Quantos alunos mais ou menos?

ML – Acho que devia de ter uns 30 alunos. Mas era um curso assim excelente, sabe? Era um curso que tinha, eu me lembro, o Arlindo dava um... eu me lembro que eu fiquei encantada com o professor Arlindo. Fiquei encantada porque o que ele ensinava à gente era sobre a importância da burocracia no estado. Da burocracia estatal. Essa a questão do Arlindo. Eu me lembro que eu achei aquilo uma coisa que eu nunca tinha pensado, eu fiquei encantada assim com o foco que ele dava na discussão do estado, né, que era a importância da burocracia estatal que hoje eu sei o quanto é importante mesmo. E, aliás, é um dos problemas que a gente tem no país, é não ter uma burocracia firme como na França, né? Mas assim, uma coisa maravilhosa. O curso, a Lenita, cheia de experimentações também na área da educação, a Tizuko também inaugurando toda a atenção dessa área (*falam ao mesmo tempo*) favelada que era uma unidade que praticamente não existia, ela foi toda reformada pra dar atenção pra essa população... tudo nessa época estava acontecendo. Era uma época assim de muitas idéias, de muitas coisas interessantes, a ENSP estava fervilhando de idéias, novidades... e começando toda a parte da pesquisa também, porque com esse financiamento do PESES e PEPE que acontece nessa época (*falam ao mesmo tempo*) vieram os paulistas, né?

CF – Agora me diz uma coisa Duca, o curso não era só, o curso básico de Saúde Pública era só pra médico? Não, já era misturado.

ML – Já era...

CF – Já tinha engenheiro, já tinha enfermeira...

ML – Já tinha... já era... já era misturado. Já era misturado, não era mais só pra médico. Já era misturado e era um curso assim, tinha assim, tinha enfermeiros... não tinha muito engenheiro porque eu acho que desde a época já tinha o curso de engenheiro separado, engenheiro não tinha. Mas tinha médico, tinha um curso pra dentistas separado também, mas tinha mais médico porque... mas tinha enfermagem junto.

CF – Mas psicóloga, assistente social...

ML – Tinha muito. Nessa época esse pessoal não procurava Saúde Pública. Isso é uma coisa mais recente. (*falam ao mesmo tempo*)

CF – (??) O grosso da turma era médico.

ML – Era médico. E médico que já trabalhava no serviço público ou alunos recém-formados como eu que queriam fazer Saúde Pública. Porque naquela época a gente não podia entrar direto no... não existia isso. Passava anos se preparando pra entrar no mestrado, né? Era uma formação longa, se fazia especialização em Saúde Pública, depois da Epidemiologia pra depois entrar no mestrado. Era uma coisa longa. (falam ao mesmo tempo) (??).

CF – E os professores então, você lembra do Arlindo, lembra da Lenita...

ML – E dos coordenadores, lembro do Eduardo... todos eles davam aula...

CF – (?) (*endocrinologia*?) era o Eduardo...

ML – ...Dr. Joir dava aula nesse curso...

CF – De quê?

ML – De Epidemiologia. Dr. Joir era epidemiologista. O... também o Hélio Uchôa dava aula lá, tinha uma parte também de, passava um pouco da coisa de Odontologia porque ele tinha um curso, que aliás foi uma coisa que a Escola perdeu, que a Escola já teve... importantíssimo e que nós perdemos no tempo. Acho que a gente tem que recuperar aquilo. E... na área do Planejamento o Arouca dava aula, todos davam, já estavam aqui. O Serginho dava aula, Serginho... o Blois... todos que estavam no PESES e no PEPE davam aula.

CF – Davam aula...

ML – O Paulo Sabrosa era o maior professor de Epidemiologia naquela época, já era professor e epidemiologista assim, admirável... Mas ele era novinho ainda. Era muito admirado pelos alunos já. Então eu fiz esse curso e aí...

CF – Quem era da sua turma, você lembra? Tem gente aqui da Escola nessa época?

ML – Da minha turma, aqui da Escola... o (*Klein*?) foi da turma anterior... a Suely eu acho que fez esse curso comigo. (*falam ao mesmo tempo*) Ela também veio da UERJ no mesmo desespero que eu, também veio pra fazer esse curso. E eu tenho muita gente assim que foi contemporâneo de vários cursos que eu fiz aqui, mas eu acho que a Suely só. Acho que a Suely foi minha colega desse curso.

CF – E o curso durava quanto tempo, Duca?

ML – Olha, eu acho que ele durava seis meses.

CF – Só seis meses.

ML – Eu me lembro porque no ano seguinte eu fiz o curso de Epidemio. Ou pode ter sido que eu tenha entrado... eu acho que era seis meses esse curso, viu? Porque no ano seguinte eu entrei na Epidemiologia já, especialização da Epidemiologia. Entretanto naquele ano que eu fazia a residência na Medicina Social, residência de Medicina Integral, eu fiz o curso de Saúde Pública no 2º semestre e à noite eu fiz Medicina do trabalho, estudava. Era uma loucura! Eu gostava muito, eu sempre gostei muito de estudar e na época, porque a Medicina do Trabalho quem era da Medicina Integral podia fazer sem pagar. De modo que eu fiz também o curso de Medicina do Trabalho. (*ri*)

CF – Mas era aqui?

ML – Não, era da UERJ.

CF – Da UERJ.

ML – Um curso antigo que eles têm. Nessa época já existia. Preparava o médico do trabalho. Bom, foi uma época que eu fazia isso e me virava, estudava de madrugada, foi, estudei muito. Acabou que o 1º semestre, que eu fiquei meio perdida, mas depois eu realmente aprendi muito e aí aconteceu o seguinte: quando eu vim fazer o curso básico aqui de Saúde Pública, o pessoal de campinas tinha chegado. Ocorre que tinha um professor que tinha sido professor meu na Bahia que é o Raimundo, chamado Caniço, apelido, Raimundo...

CF – O sobrenome do Caniço é Raimundo...?

ML – Isso a gente teria que ver, eu não me lembro do sobrenome do Caniço. Porque ele é conhecido como Caniço. Ele tinha sido meu professor lá na faculdade, na Preventiva, e ele tinha ido trabalhar em Campinas com o Arouca. Ocorre que foram expulsos, tiveram que sair (*falam ao mesmo tempo*) veio o grupo todo, entre eles o Caniço. Aí estou eu aqui no curso, o Caniço me encontra, falou: "O que é que você está fazendo aqui?" Eu falei: "Estudando." Ele falou: "Mas não vai só estudar, vai trabalhar comigo. Porque nós estamos fazendo um projeto..." que era exatamente o projeto do PESES – não do PEPE, do PESES – que era sobre

a constituição desse movimento preventivista como um desdobramento da tese do Arouca no Brasil, então era um estudo do que estava acontecendo nos departamentos de Medicina Preventiva das faculdades de Medicina. Esse estudo foi um estudo importante também. Aí o Caniço me chama também pra trabalhar com ele. E aí eu vou trabalhar no PESES. Aí eu conheço o Arouca e conheço o grupo de Campinas, conheço todo esse pessoal que está vindo, né, o Serginho, todo mundo, a Tatiana... eram muitas pessoas. A Isabel (??), a Ana Clara, todo mundo... ficávamos no 9º andar, lá em cima onde é o departamento de Ciências Sociais e aí tinha discussões, entendeu? E aí foi uma coisa impressionante, eu entrei no começo de 77 já, que eu entrei, comecei a trabalhar nisso e aí...

CF – No PESES.

ML – No PESES. E aí fiquei um ano no PESES.

CF – Mas aí você trabalhou...

ML – E eu fiquei no trabalho de campo desta pesquisa, a gente viajava pra fazer as entrevistas nos departamentos de Preventiva pelo Brasil todo...

CF – Mas já tinha nessa época vários departamentos de Preventiva...?

ML – Tinha! Já...

CF – Em Ribeirão Preto, em Minas...

ML – Não, em 78 já tinha em muitas faculdades, claro.

CF – Ah, é?!

ML – A gente fez no interior... Interior não, no Norte, nordeste.

CF – Norte, nordeste.

ML – No Nordeste... os departamentos já existiam. Eles não tinham assim, uma vida...

CF – Eu não tinha a dimensão de que isso era tão grande...

ML – Já! Na época já. Já tinham eles... porque o de Campinas, não, antes. O de Ribeirão Preto é 60. É da década de 60, é uma coisa mais antiga, é do final da década de 60. foi onde, por exemplo, o Sebastião Loureiro fez a residência lá em Ribeirão. O Carvalheiro foi daquele grupo primeiro, né? E o dr. Guilherme...

CF - ...Rodrigues.

ML - ...que era da Bahia, foi pra São Paulo, criou lá na USP. Então era o começo das coisas. Mas esses departamentos em 78 já tinham, já estavam na reforma, na reforma universitária,

a Medicina Preventiva entra como departamento, como uma disciplina constituinte da formação do médico. (*falam ao mesmo tempo*) Aí alguns têm dividindo com a Patologia, tem uma série de composições, mas eles já existiam. A disciplina já existia e exatamente estava sendo objeto desse estudo compreender como é que estava nas várias universidades do Brasil, a composição da... desse ensino da Medicina Preventiva e etc. e dos trabalhos comunitários, tinha todo um desdobramento disso pra as comunidades porque era também um espaço de resistência que tinha nas faculdades, as Preventivas, né? Que questionava todo modelo médico-assistencial que naquela época o que estava em voga era (??). Então era um questionamento radical de toda a... a medicalização, todo esse processo da indústria farmacêutica, da indústria de equipamentos médicos, uma coisa muito forte à época. Então era isso que estava em pauta. E daí, depois... (*telefone) (pausa na gravação*). Aí estava falando que (*falam juntas)* no PESES, é. E aí comecei a fazer, bom, mas eu já tinha uma formação em Epidemiologia desde a época lá dos laboratórios, das contagens, entendeu, e era ligado com os números lá da Bahia desde a minha formação mesmo, na faculdade. Então eu achei aquilo fascinante do PESES, era realmente fantástica a discussão que tinha lá. E tinha discussões, entendeu, científicas. Era uma época fantástica. E eu era encantada com aquilo, mas na verdade eu queria, em seguida quando eu terminei o curso básico eu tomei a decisão de fazer um curso não em Planejamento, como era a área desse pessoal: do Arouca e do... eu resolvi fazer na Epidemiologia. Uma parte porque o Eduardo Costa tinha me visto como aluna na... no curso de Saúde Pública, e ele me chamou, entendeu, pra trabalhar, pra fazer epidemiologia e disse: "Você tem jeito, você gosta disso, você tem que vir pra Epidemiologia e tal..." E daí eu me inscrevi no curso de Epidemiologia e fui fazer o curso de Epidemiologia. E foi ótimo, e tal...

CF – Quando é que foi já? Em 78...

ML – 77.

CF – Ah, tá. 77. *(falam ao mesmo tempo)*

ML – (??) Epidemiologia. E continuo trabalhando no campo, fazendo curso. Eu continuo fazendo aquilo, né, trabalho de campo, estudo lá e fazendo curso aqui.

CF – Ah, tá!

ML – Porque eu viajava de vez em quando, mas não era muito.

CF – Quer dizer, então você ficou na sua área...

ML – (??) no curso... é. Mas eu comecei a fazer a minha formação em Epidemiologia então, ali. E quando eu terminei o curso o (*Blois?*) teve um contato mais estreito comigo porque o curso aí era de Epidemio e aí ele disse: "Não, você vai ter de sair do PESES porque você vai ter de vir pra o PEPE." Aí eu falei: "Ah, mas eu não vou querer deixar..." Eu tinha... enfim, tinha acontecido muita coisa também. O Caniço morreu naquele período, no ano de 77 o Caniço morreu. E foi um baque muito grande, a gente ficou arrasado, todo mundo. E isso aí também me deixou muito triste, mas enfim, não foi por isso que eu tomei essa decisão. Mas

o Eduardo meio que fez assim de ser meu protetor agora, entendeu? Me chamou pra... eu me lembro, me convidou pra um jantar na casa dele pra me convencer que eu tinha que mudar de área. Porque eu fiquei sem saber se eu mudava porque eu adorava o Arouca e também era fascinada, um pouco, com aquilo também, muito, aliás. E ele me levou pra jantar. Eu fui na surdina pra ele me convencer que eu tinha que trocar de lado *(risos)* porque eu não queria. Aí eu fui na casa dele jantar, eu não conhecia a Sarah, conheci a Sarah e tal, as crianças dele também... a gente não tinha intimidade, daí a gente foi ficando cada vez mais amigo, mas eu não tinha assim... muita intimidade à época. E aí... me convenceu que era meu jeito, que tinha tudo a ver comigo, que era a coisa que eu fazia melhor, não sei quê... Bom, acabei, falei: "Bom, tudo bem." Depois eu concordei, mas "Você é que vai falar com o Arouca por que é que eu vou trocar." (*ri)* Porque eu fiquei com vergonha de falar com o Arouca que eu ia largar o grupo dele pra ir pra o do Eduardo Costa. Aí ele falou pra o Arouca, disse: "Olha, ela vem pra mim. Você vai deixar porque eu vou fazer esse trabalho no Rio Grande do Sul e ela tem todo o jeito, ela sabe fazer trabalho de campo, é uma pessoa com experiência nisso, eu preciso dela, de todo jeito e tal." Aí o Arouca concordou, brigou um pouco assim comigo: "Ah, você trocou, me traiu e tal...!" Mas aí eu troquei e fui pra o Rio Grande do Sul, eu e o Klein e depois, lá, o (*Graça Neves?)* se juntou e a gente fazia aquela pesquisa que foi em 78, agora. (*CF fala algo*) Já tinha terminado o meu curso de especialização...

CF – O curso de especialização em Epidemiologia durava um ano.

ML – É. E depois eu me inscrevi no mestrado. Mas eu não me lembro nem dos tempos. Quando eu fui pra o Rio Grande do Sul... (*CF fala algo*) eu fui, eu entrei em 78 no mestrado também, né? no 2º semestre, eu acho.

CF – É. Parece que só tem, só diz...

ML – É, eu acho que eu entrei, terminei a Epidemiologia no primeiro, me inscrevi no mestrado.

CF – É, em 78 o mestrado.

ML – Fiz os créditos do mestrado e... em 77 eu terminei a Epidemiologia e acho que comecei o campo, o trabalho de campo... Não me lembro bem.

CF – Me diz só uma coisa, Duca. Esse curso de especialização em Epidemiologia, ele... como é que era o curso?

ML – Ah, o curso? Era um curso em epidemiologia. Você aprendia método epidemiológico.

CF – Assim em termos de conteúdo das disciplinas (??)...

ML – Era vigilância... Não, porque não tem mais especialização hoje. Nós não temos mais. Mas era, se aprendia epidemiologia, era epidemiologia da época, bastante diferente do que a gente estava ensinando, o normal, porque as coisas avançaram muito. Mas a gente aprendia inquérito, aprendia questionário, aprendia a fazer concordância de medidas, entendeu, de

entrevistadores, de medidores, aprendia a fazer trabalho de campo, aprendia... estatística, aprendia bastante estatística... estatística descritiva (??) (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – Os professores eram aqui da Escola já?

ML – Eram da escola. Já era... o Barata foi meu professor, embora seja da minha idade, mas foi meu professor... já era professor nessa época aqui porque ele entrou naquele ano. professor de matemática, a (??) de Estatística... eles todos ensinavam, nesse curso eram todos novinhos. Mas tinham acabado de entrar porque nessa época também houve um concurso pra professor, aonde entrou o Arouca, esse grupo todo. Na... no departamento de Epidemiologia, o Eduardo que teve muita esperteza pra constituir o departamento e percebeu que precisava de um forte componente na Epidemiologia da área quantitativa, então trouxe o Cláudio (?), trouxe a Sonia (?), trouxe o Paulo Barata, trouxe o Euclides Castilho que tinha tido um problema na USP no concurso lá também que fizeram uma coisa equivocada e afastaram ele indevidamente de um concurso, ele não pôde, enfim, ele perdeu, foi reprovado... depois também *(ri)* voltaram atrás com ele, mas o Euclides veio pra aqui, então criou-se um grupo de primeira na área de Estatística. O Euclides veio com a tarefa de cuidar da pós-graduação, né? E realmente isso...

CF – E isso foi a partir de 78, então.

ML – 78. Em 77 eles já estavam aqui nesse curso de especialização, eu já tive aula com o Barata, com (*Célia*?), tive... com o Paulo Sabrosa... com o Eduardo Costa...

CF – É, isso é uma coisa importante. Quer dizer, o PESES e o PEPE, eles mudam num perfil a Escola e por outro lado a área acadêmica, você abrindo concurso, formando um corpo-docente específico da Escola, também vai mudar...

ML – Ele... não, incorpora isso dentro da escola definitivamente.

CF – Pois é.

ML – A gente num mesmo momento tem esses dois movimentos. E isso que está, essa mudança, essa novidade e essa abertura que estava acontecendo... eu digo que nessa época o PESES e o PEPE se constituíam assim, o início mesmo, eu diria, da atividade científica moderna da ENSP. Foi ali, na Epidemiologia e na Ciências Sociais. E no Planejamento, né, que também vai uma parte importante de pessoas importantes do Planejamento. Então se instituiu aqui no Planejamento é uma mudança muito grande. E o curso de Epidemiologia continuou por muitos anos, esse de especialização e se iniciou o mestrado que era em Saúde Pública e que tinha área de concentração em Epidemiologia que eu entrei e fiz, área de concentração em Epidemiologia, e vim a fazer a tese com os resultados do Rio Grande do Sul (??) (*falam ao mesmo tempo*)

CF – E aí o mestrado? O mestrado tinha uma base comum pra todas as áreas de especialização e depois as pessoas... como é que era isso?

ML – O mestrado no... agora eu nem me lembro o que te dizer...

CF – Você fez o mestrado só com quem era da área de Epidemiologia ou você fez o mestrado com gente que se especializou em Planejamento...? *(interrupção da fita)*

**Fita 1 - Lado B**

ML – ...eu não me lembro direito, mas eu acho que ele tinha uma parte comum. Mas tinha um componente importante separado também, mas acho que tinha alguma coisa em comum.

CF – Mas aí o seu diploma, uma coisa formal...

ML – É em Saúde Pública...

CF – Em Saúde Pública.

ML – ...com a área de especialização. Até hoje, a ENSP, todo diploma dela é mestrado em Saúde Pública com área de concentração.

CF – Aí (??), né? (*falam ao mesmo tempo*)

ML – (???) É.

CF – Então já era assim, nesse período.

ML – Já era. E eu me lembro esse... esse mestrado, se importava professores de outras faculdades, entendeu? Eu me lembro, o dr. Guilherme veio dar aula, Moisés (??)...

CF – (*Guilherme Rodrigues da Silva?*) ...

ML – É. O Moisés (??). Se trazia professores de fora assim, tinham recursos na época, né? Porque tinha o PESES e o PEPE por trás mantendo de alguma forma isso e a própria Fiocruz que é uma instituição que nunca foi assim, nunca teve muita carência de recurso pra esse tipo de questão.

CF – E de qualquer maneira você já tinha também um corpo-docente específico da Escola, né?

ML – Já! Contratado. E a maior parte veio daquele programa PESES e PEPE. A maior parte não, eu também fiz concurso nessa mesma época. Eu fiz concurso, mas o meu concurso não foi pra professor, foi pra pesquisador. Porque na mesma época já se criou duas carreiras, né? Naquela época a ENSP já tinha carreira de pesquisador e de professor. Eu fiz concurso em 79, eu acho. 78! Em 78 eu fiz concurso pra aqui.

CF – Ah, tá. E você estava fazendo o mestrado e já fez o concurso pra...

ML – Antes de defender a tese. Eu fiz o concurso e estava fazendo o trabalho de campo lá. E o concurso abriu, eu me inscrevi e vim pra prova do concurso. E o Klein, todos nós fizemos o concurso. Foi concurso público.

CF – Pra pesquisador.

ML – Pra pesquisador. E era concurso público. Embora a Fiocruz insista em dizer que aquilo não é concurso público. Mas era publicado em jornais, editais e tudo. Era um concurso público. Tanto que teve gente que eu não conheço que veio concorrer, que a gente nunca tinha visto. Então houve um concurso porque se abriam vagas aí já na Fiocruz mesmo, principalmente porque até aquela época a gente tinha, eu estava há um ano e meio quase doida aqui na Fiocruz e numa situação de contrato precário. Eu tinha carteira assinada pela Fiocruz, mas a Fiocruz não pagava nem meu INSS, quem pagava era eu mesma.

CF – Hum, hum. Era como autônoma.

ML – Era como prestadora de serviços, porém de carteira... eu tive carteira assinada. Quer dizer, era uma coisa, na época o RH da Fiocruz era muito mais desorganizado que hoje, né? Então quando eles descobriram isso, eu acho que fizeram... não se deram conta, e descobriram, tiveram que corrigir. Abriram mais vagas pra concurso e a idéia era de que as pessoas que entrassem pelo concurso. E aliás teve até... não sei se aumentaram o número de vagas, eu sei que quase todas as pessoas que estavam naquela situação, que trabalhavam no PESES e PEPE como pesquisador e que eram jovens, entraram. Eu, o Klein, o (*Nilton Rosário*?)... quem mais? Letícia (*Kraus*?)... Eu não vou me lembrar de todo mundo, mas (*falam ao mesmo tempo*) Regina (??), que fazia parte daquele projeto da Medicina Preventiva, que eu fazia, ela era do mesmo projeto que eu... Enfim, tinha uma porção. A turma jovem, os mais jovens entraram pra carreira de pesquisador, os que vieram de Campinas e já eram mais velhos, um pouco, entraram pra carreira de professor. E alguns que eram da mesma idade que a gente, mas que entraram pra carreira de professor sem passar pelo PESES e PEPE, Célia (*Landman*?), Paulo Barata... não sei quem de outros departamentos.

CF – Que aí vieram direto pra (?) professores.

ML – Pra professor. Aí se constituiu o departamento aqui e aí...

CF – Fala um pouquinho desse trabalho no Rio Grande do Sul.

ML – No Rio Grande do Sul o trabalho foi assim, eu acho, que... acho não, foi o primeiro inquérito populacional de hipertensão arterial feito no Brasil. Foi um trabalho muito bem feito. O Eduardo estava fazendo doutorado na London School e... assim, fez ou desenhou esse estudo com uma orientação muito boa. Além de que ele já era muito bom epidemiologista nessa época. E o estudo teve um desenho, era um estudo transversal, um inquérito, mas muito bem feito porque a suposição inicial que até hoje está em pauta na discussão científica, e que era a tese do Eduardo, né, era de exatamente ver qual era a

importância do consumo de sal na determinação dos níveis pressóricos. Porque... e é uma discussão que está em pauta e é interessantíssimo hoje o que se sabe em relação ao que não se sabia naquela época. E o que é que tinha? Tinha que já se tinha visto que os lugares em que as populações consumiam muito sal no mundo, os níveis de pressão arterial eram mais altos. Entretanto os estudos que se faziam em populações de um certo lugar não encontrava isso, estudos bem feitos. Na Inglaterra, em vários países, não confirmavam, o que se sabia de olhar os dados de lugares que tinham alto consumo de sal, nesses lugares as populações tinham médias mais altas. Mas como se faziam estudos em lugares tipo na Inglaterra, não se encontrava na população inglesa, por exemplo. Ou no caso, nós viemos fazer na população do Rio Grande do Sul, também não encontramos essa associação assim. Entretanto... o que eu queria te dizer é assim: que por causa desse detalhe, que queria se medir algo que estava em discussão na literatura, se teve todo um cuidado, que você já viu as fotos, até o aparelho que media pressão arterial, além de ter sido treinado demais as pessoas pra medirem a pressão, foi treinado com uma técnica inglesa que as pessoas eram treinadas ouvindo e depois de algum tempo... elas ouviam a... a gravação que se fazia da medida, como se fosse ela usando o estetoscópio, tirando a pressão, ela ouvia uma gravação. E ela aprendia a identificar quando é que era a mínima, porque a mínima é quando muda a característica do som e depois quando ele desaparece. Então tem duas medidas da pressão arterial mínima que é a diastólica, e a sistólica é quando começa a bater. Então elas treinavam com fitas gravadas e era um treinamento assim que elas tinham cronômetros, então na medida em que (??) (*falam ao mesmo tempo*)

CF – (??) pra pessoa identificar.

ML – Ela tinha que estar treinada a ouvir muito bem porque tinha um padrão de como era certo ouvir. Então ela ouvia e disparava o primeiro cronômetro quando ela ouvia o começo das batidas que era que é a sistólica. Quando ela ouvia a mudança, o ensurdecimento do som, ela disparava, trancava o segundo cronômetro. E quando ela via o aparecimento, ela acionava o terceiro. Daí a gente media com a medida padrão até ela ficar pronta, porque ela não estava ouvindo direito. Então foi uma sofisticação que houve no treinamento desses... medidores da pressão arterial bem como o aparelho em si que foi medir a pressão, sofreu uma série de alterações, que é isso que você tem na foto, pra que ele descesse a coluna mais devagar, ou melhor, numa intensidade, numa velocidade padronizada e não que descesse rapidamente conforme... porque quem controla um aparelho normal, a descida da coluna de mercúrio é quem mede, é quem abre o... aquela valvulazinha do (*isfignomanômetro*?). Mas esse aparelho foi modificado de forma que a queda da coluna se desse com a mesma velocidade pra todos os entrevistadores e não pudesse fazer isso rapidamente pra ouvir mal. Então essa foi a modificação introduzida naquele aparelho, de coluna de mercúrio.

CF – Interessante.

ML – Então foi um trabalho muito bem feito. A suposição era essa que eu te falei: o quanto o sal interfere, define... Então pra fazer isso nós medimos também numa sub-amostra, a gente que era médico fazia eletrocardiograma, que é aquela foto que eu te dei com os aparelhos de eletro, a gente media urina de 24 horas pra saber a excreção de sódio, a intenção de medir a urina de 24 horas, era medir a excreção do sódio, é uma medida do quanto ingere, do quanto

excreta. Então a medida de 24 horas era isso. E nós ficávamos quando a casa caía na sub-amostra – desculpa – o médico então, que no caso era eu, o Klein e aquele outro que é o Sérgio (??), nós íamos fazer as entrevistas, ficávamos praticamente um dia na casa. Porque se tivesse 10, 15 filhos no interior do Rio Grande do Sul, a gente passava o dia porque todos os adultos tinham que fazer eletrocardiograma... fazer medida da urina de 24 horas, coletar a urina pra trazer e... e a gente também repicava algumas perguntas que os alunos, os que eram, os entrevistadores faziam, pra ver se eles tinham efeito corretamente, além de medir pressão tudo igual como eles também tinham feito pra ver se a nossa medida batia com a deles. Então foi um estudo assim muito bem feito. Eu aprendi muito a fazer pesquisa aí. Foi uma escola, entende? E que foi importante porque o departamento todo se envolveu, os estatísticos aprenderam lá a manipular grandes bancos de dados...

CF – Vocês estavam lá, mas tinham um contato direto...

ML – Tinha que vir aqui e vários daqui foram pra ajudar no trabalho de campo na época das férias, por exemplo. O Paulo Sabrosa foi, o (?) foi... vários professores partilharam também do trabalho de campo, dessa metodologia. Foi um trabalho muito importante que teve um papel na formação da gente, acadêmico, muito bom. E os estatísticos, que não foram a campo, mas eles também experimentaram a análise desses dados e foi uma coisa muito legal, muita coisa foi publicada dali.

CF – E qual é o impacto desse inquérito pra o Departamento de Epidemiologia?

ML – Eu acho que hoje está perdido na história no departamento. Talvez as pessoas que estão aqui, muitas não tenham nem muita...

CF – Nem sabem, né?

ML – É... disso.

CF – Não tenham nem muita noção.

ML – Algumas, mas não todas, do que é que foi aquilo. O que é que foi aquela experiência. Foi muito importante assim, muito. Porque na época a... aqui a minha geração, nós tivemos eles de professores: o Eduardo, o Arouca, que é uma geração 10 anos mais velha do que a gente. Jovem ainda.

CF – É.

ML – E... eles foram pra o mundo, deixaram. E nós passamos a ser os velhos, entendeu, os titulares, a geração que tem 50, 52 hoje, que é a minha geração. Nós somos os titulares agora, né? Então tudo aqui não tem assim aquela tradição como nos outros países, que têm essas experiências mais consolidadas. Mas foi muito importante na formação da gente, muito importante mesmo. E o que é incrível é que não se encontrou associação com o sal... Sim, tem outra coisa que a amostra era inteiramente complexa porque a gente fez esse trabalho em cima da amostra daquele estudo do IBGE que fez o (*INBEF?*), que foi a pesquisa de consumo

alimentar, porque a idéia era pegar o consumo de (*sal*?). Então foi tudo bem... o que ocorre é que o sal e a hipertensão arterial não se encontrou associação. O que a gente sabe hoje como epidemiologista muito interessante, estudando enfim... tem alguns problemas de saúde que você não consegue identificar associação em estudos de população assim como esse que nós fizemos e como muitos que já haviam sido feitos tentando buscar associação do sal com a hipertensão arterial por quê? Porque as populações, o consumo... o consumo alimentar é um hábito. Então o consumo de sal como tal é um hábito, tanto que a população... Então as populações são muito homogêneas em relação a isso, não é capaz de distinguir grandes consumidores de sal numa mesma população. Entretanto se o hábito alimentar de uma outra área, grande consumidora de sal, toda a população em média consome muito sal. Porque o hábito deles é consumir muito sal. Como tem algumas áreas do Japão e tal... algumas áreas do Oriente. Então o que é que se encontra? Porque é verdade que existe uma associação entre o consumo de sal e a hipertensão arterial. Entretanto ela é incapaz de ser verificada dentro de populações que têm uma homogeneidade muito grande no consumo de sal. Porque a... o impacto do sal na pressão arterial não é tão grande ao ponto de se discriminar com pequenas diferenças. Só com grandes diferenças de grandes diferenças, você não encontra numa mesma população. Entendeu?

CF – Interessante.

ML – Muito! Hoje o que se sabe do sal é isso, é tido como um exemplo que a gente mostra que tem várias formas de você conceber a... enfim, relações de causalidade entre fatores e efeitos, entendeu? E que alguns têm esse problema: você não consegue ver com determinados tipos de estudo.

CF – Muito interessante.

ML – Muito, né? E na época não se sabia.

CF – Na época que você não tinha...

ML – (??) amadurecendo no meio dos tempos, né? E hoje se sabe isso. É muito interessante. Outro dia eu estava dando uma aula, falando sobre essas coisas, em epidemiologia pra os alunos, e falei sobre isso com eles. (*CF fala algo*) Até me lembrei... não, mostrei a (?) do sal porque tem várias coisas que mostrava na literatura, né, sobre isso.

CF – Duca, e esse inquérito levou quanto tempo?

ML – Olha, ele levou um ano no campo.

CF – Um ano.

ML – Eu passei um ano vivendo lá no Rio Grande do Sul, fiquei num *apart* lá da Serra... eu fiquei na área serrana que era mais perto de Porto Alegre, o Eduardo ficou com medo de me mandar pra longe porque os alunos, os estudantes, não eram estudantes, as pessoas que nós contratamos não eram estudantes porque não tinha condição de fazer os estudos nas férias,

então nós contratamos quem? As pessoas que costumavam trabalhar pra o IBGE, pusemos anúncio no jornal. E essas pessoas são acostumadas a dar truque de toda natureza, né? Inclusive são pessoas assim... de um nível social mais baixo. Tinha homens, muitos homens desempregados e que tinham prática de trabalhar com os inquéritos do IBGE. Mudavam pelos censos. Censo econômico, censo demográfico, censo não sei quê... censo agropecuário. E eram cheios das mutretas, inclusive pra enganar, pra enrolar, pra fazer menos, pra não ir na casa, inventava história... Então tudo isso a gente sabia e tinha que se ter muito cuidado, né? Como eram muitos homens, eu era a chefe e era jovem, né, tinha pouca idade na época, o Eduardo ficou com um pouco de medo de me jogar lá pra os cafundós e botou os dois pra viajarem pra longe e me deixou perto de Porto Alegre porque se houvesse algum problema, pra ele chegar ou alguém chegar pra me socorrer. Porque poderia ter algum enfrentamento assim na medida em que a gente fazia isso...

CF – Um controle, né?

ML – ...(??) muito grande do que eles faziam e podiam beber, essas coisas todas que tinha risco, né, porque eram meses viajando. (*ri)* Tinha esses cuidados. Aí eu fiquei na região da serra, acabei conhecendo bem a região serrana do Rio Grande do Sul, eu conheço bem porque eu fui em muitas cidadezinhas do interior... E a gente viajava, tinha áreas que a gente não conseguia, tinha que entrar com intérprete... Porque no Sul tem isso, né, parentes de alemães... enfim, ninguém nem entra. (??)

CF – E você era a única médica.

ML – Eu era a única médica. Eles não deixam entrar. Até hoje eu não sei se é assim. Mas numa regiãozinha ali perto de Gramado, chamada Petrópolis, Nova Petrópolis, é uma área pequenininha, uma cidade mínima, um lugarejo que caiu na amostra, eles não deixaram. Não deixam! Eu cheguei lá, me lembro, de noite, era tão frio e tão nublado que ninguém enxergava nada. Nada! Você não via a pessoa que estava em frente assim. A gente batia na casa, parecia que não tinha ninguém. Apagavam as luzes... alemães. Aí nós tivemos que procurar o posto de saúde pra conseguir uma intérprete que era de outro lugar, que trabalhava no posto, pra poder ela ir, pra poder abrir a porta pra gente porque senão não entrava. Então tinha essas coisas. Agora, os italianos já eram mais fáceis. Porque eu fiquei exatamente na área dos... dos imigrantes, né? Dos italianos e dos alemães, dos polacos também. Mas a dos alemães foi a pior pra entrar. Mas aí fazia com intérprete, eles não falavam português. Ela falava em alemão pra ele... era um alemão na verdade, um alemão tipo dialeto, né, que falavam. Mas foi assim, foi uma experiência muita rica. (*falam ao mesmo tempo)*

CF – Aí depois de um ano vocês voltaram...

ML – Aí eu voltei... (falam ao mesmo tempo)

CF – (??) trabalho, né?

ML – E defendi a minha tese que era sobre “Hipertensão arterial e imigração”.

CF – Foi em 81, né, que você defendeu a tese, né?

ML – É, defendi a tese, que é aquela foto que eu te dei ali em 81. Sobre Hipertensão arterial, imigração e hipertensão arterial. Eu discutia a coisa do estresse do imigrante porque no Sul, nessa época, tinha muita imigração porque aí o pessoal vindo da expulsão do campo, né, que era um minifúndio, tinha muito minifúndio. Então eles cresciam, a família, o minifúndio ficava inviável. Essa era a questão que o Sul vivia nessa época, no final dos anos 70. Havia, tinha... eles estavam expulsos, aí eles iam pra cidade e tal, então a gente encontrava... E o meu estudo foi esse, eu olhava porque tinha assim: as pressões, as médias de pressão da área rural, mais baixa; no interior urbano, médias; e do interior e da região metropolitana e da capital, bem mais altas, né? Então havia diferença e a minha questão era olhar quando o cara era da área rural e foi pra cidade, o que é que acontecia quando ele foi pra cidade pequena ou quando ele foi pra uma cidade tipo metrópole. Aí eu olhava isso, por quanto tempo atrás ele migrou? Aí eu vi isso, que ele ficava, esse grupo, ficava com as médias igual ao do lugar. Ele se adequava. Entretanto, isso demorava um tempo. No primeiro ano ele ainda tinha a pressão igual a da onde ele saiu. O grupo que tinha chegado, que tinha um ano só, aí quando passava um tempo ele ficava igual. Depois de uns 5 anos já estava igual, comparando (??) (*falam ao mesmo tempo*). É, exatamente, mostrando que o corpo da gente se adapta para as circunstâncias que são exigidas pra sobreviver, né? Então a pressão arterial, na verdade, é uma, faz um tensionamento dos vasos sanguíneos quando aumenta a pressão. Então pra conviver numa cidade grande com horários amarrados desse nível, com correria, etc., o corpo todo se retrai. Na área rural não precisa porque o tempo lá é a natureza, né? Então aí muda isso.

CF – Muito legal, né? Super interessante.

ML – É, isso foi a minha tese de mestrado.

CF – E aí, quer dizer, além de você, outras teses também saíram, outras teses de mestrado...

ML – Ah, muitas! A do Klein...

CF – ...do projeto, né?

ML – ...a do Klein saiu com isso, a do Eduardo... a do Wellington... porque nós depois fizemos, repicamos um pouco esse estudo... Bom, ninguém conseguia abandonar a questão do sal. Aí nós fomos pra a Companhia Siderúrgica de Volta Redonda. *(ri*) Fomos pra Volta Redonda fazer o estudo. Porque conhecemos um médico lá, Pedro Carlos Teixeira – eu acho que era o nome dele – que...

CF – Isso foi em que ano?

ML – Já mais tarde. Isso tem já uns dois ou três anos depois, eu não me lembro exatamente.

CF – E o inquérito terminou quando? Quer dizer, ele começa em 77...

ML – Terminou... 78, 79 acabou tudo.

CF – Mas aí vêm as teses (?)...

ML – (??) mas porque ficou pra recuperar, mas eu acho que 79, 80, estava... fechou. Aí foi trabalhar (*os dados?)* e as teses. Aí um ano ou dois depois, a gente... nessa história de apresentar os dados, não sei quê... eu sei que eu conheço um médico que era do Hospital de Volta Redonda, que na época era o hospital da Companhia Siderúrgica, que fez contato, ele era professor da Faculdade de medicina, fez contato com o Eduardo, com o Klein, com a gente pra fazer um estudo lá, e a questão do sal. Por quê? Porque lá em Volta Redonda os trabalhadores que trabalham no forno, eles têm que consumir, têm que ficar chupando pastilha de sal pra não desmaiar. Era assim, eu não sei como é que está hoje, é bem provável que não seja mais assim. Mas eram temperaturas de 60 graus ou mais pra trabalhar, completamente insalubre. Se ele não chupasse a pastilha de sal o tempo, eles tinham...

CF – ...não agüentava...

ML – Não, ele suava, perdia muito potássio e ele caía lá mesmo.

CF – Nossa!

ML – Então era, pra conseguir trabalhar tinha que chupar pastilha de cloreto de sódio. (*falam ao mesmo tempo*) (??) a hipótese do sal, aquela que eu estava te falando. Aí foi se fazer esse estudo lá, mas também foi um inquérito na população, se repetiu meio que o estudo que foi feito lá em Porto Alegre...

CF – Ah, tá!

ML – ...e tentamos, talvez, o melhor de fazer lá (??)...

CF – Quem coordenou isso?

ML – O Klein. Eu também fui e o Wellington agora entrou também pra fazer, foi a tese do Wellington. Entendeu? A tese do Wellington. Aí a gente foi fazer, eu nem me lembro dos resultados pra te falar a verdade, desse estudo. Mas eu acho que, digamos assim, se eu fosse fazer hoje, eu já faria um estudo com outro desenho, mas na época a gente (??)...

CF – Mas as coisas também vão... né?

ML – A gente era novinho, meio que fez um inquérito também. Hoje talvez fosse melhor fazer outro tipo de desenho. Se nós fôssemos fazer hoje, ou eu ou o Klein ou Wellington. *(risos)* Mas teve esse respingo do estudo da hipertensão de Porto Alegre do Rio Grande do Sul, depois tinha um sonho de fazer estudos nacionais, mas o que é que aconteceu comigo? (*Eu endireitei*?) da hipertensão. Quando terminou a minha tese, teve essa coisa de Volta Redonda, eu fui ao mesmo tempo me envolvendo com essa questão da imunização. No Brasil a mortalidade infantil era altíssima naquela época e havia um... começou um movimento da

Organização Mundial da Saúde de treinar as pessoas pra conseguir fazer o programa de imunização funcionar melhor. Porque tinha muitos problemas, era uma medida que era disponível, que favoreceria a uma grande da população e começou a treinar pra ver se os países começavam a adotar o sistema de vacinação universal e com cuidados pra que a vacina não se estragasse porque alguns dos problemas, além de ser a cobertura baixa, a vacina que era aplicada, ela estragava porque não era bem conservada. Porque é um produto que tem que conservar numa temperatura muito baixa: entre 4 e 8 graus. A geladeira da vacina era a mesma que guardava a comida. Então era um horror, tinha 15 graus a temperatura da geladeira, 16, 10... entendeu?

CF – Então não adiantava nada.

ML – Nada. As vacinas se perdiam e se vacinava, mas não fazia efeito. Aí nessa época...

CF – Isso foi em que ano, Duca, lá?

ML– Hum, agora... eu tirei da cabeça... seria quando eu fiz os treinamentos ainda, acho que em 70 e... não, em 80 e... 4, 83, por aí, eu acho. 83, 84, começa o movimento e a gente toma conhecimento pela OPAS, pelo Ciro Quadros que era o diretor do programa de imunização, foi ali.

CF – O Ciro Quadros.

ML – Quadros.

CF – É, muito amigo do Eduardo Costa (??)...

ML – Por causa da época, tudo vem da história dos gaúchos ligados à erradicação da varíola, aquela história vem de lá. A constituição da epidemiologia brasileira toda vem de lá, mas enfim, não está em pauta agora.

CF – Não, mas isso é uma coisa importante de falar. (*ML fala algo*) A campanha de erradicação da varíola você acha que é um...?

ML – Nossa, foi fundamental! Cela constituiu o primeiro grupo do Ministério da Saúde em Epidemiologia, foi fundamental. Isso é outra história. (*falam ao mesmo tempo)* ...

CF – (??) porque eu acho que é uma coisa importante. (??) ligação tão direta que tem (??)

ML – (???) houve várias pessoas de lá, o Ciro foi pra OPAS, o Eduardo Costa veio pra aqui... algumas pessoas, o (*Becker*?) foi fazer o sistema de informação de mortalidade, a constituição do sistema de informação tem tudo a ver. O começo da história toda da organização da informação do país sai lá do Rio Grande do Sul, com algumas pessoas. Mas isso é uma outra história. Mas aí eles se conheciam e o Ciro fez contato com o Eduardo, eu não sei como é que foi que acabei, eu conheci o Ciro... acabou que aqui Paulo Sabrosa, eu, na verdade também, na época, casada com o Paulo Sabrosa, eu era. E a gente acabou entrando em contato

e precisava de gente pra treinar o pessoal do Brasil nesse material de como aprender a montar um programa de imunização nos estados e municípios, e também como aprender a conservar... tinha uma série de dimensões o programa, como aprender a lidar, minimamente avaliar o impacto da vacina depois, minimamente, alguns rudimentos de epidemiologia e de planejamento, juntos pra abordar uma questão que era imunização. E eu caí de cabeça pra ajudar porque eu sempre fui favorável a qualquer coisa que viesse pra melhorar a saúde da população, era interessante. Naquela época na ENSP, isso e as campanhas de vacina, eram consideradas uma coisa '*out*'. porque não ia resolver o problema de saúde e toda a discussão estava centrada na condição de vida, era uma questão da esquerda da época, né? E que aqui nós tínhamos uma forte – nós todos – uma forte presença desses grupos de esquerda e uma forte convicção dessas coisas. Entretanto eu sempre fui do tipo que qualquer coisa que ajuda eu estou dentro, e comecei a me envolver às custas de ter recebido muitas críticas de ajudar o programa no Brasil, o Ministério da Saúde da época, a fazer isso e a montar as campanhas de imunização, que era uma coisa sabidamente que não resolvia o problema de saúde porque o que importava eram os serviços básicos e a melhoria das condições de vida. Mesmo assim fui.

CF – Quer dizer, isso é o início do PNI?

ML – Do PNI, a constituição do PNI. Eu fui ajudar, eu e o Paulo Sabrosa, nós fomos formar os primeiros alunos, as primeiras turmas, o nível central do programa com esse material da OPAS que nós ajudamos a traduzir com o Eduardo, nós mais o Eduardo Maranhão, mais o Fernando (*Lendel?*), mais algumas pessoas desse departamento que continuaram nesse caminho das imunizações. E a gente depois não ficou. Mas eu comecei...

CF – Só pra eu entender. Isso aí teve algum convênio formal da OPAS com a Escola pra ter essa...?

ML – Naquela época não tinha... não tinha, não era assim (*falam ao mesmo tempo)*

CF – (??) um acordo...

ML – ...é, a gente chamava as pessoas e a gente ia ajudar. Mas a gente foi fazer esse curso, formar, depois traduzimos o material, ajudamos, ajudei muito, o Paulo Sabrosa também. Fomos fazer isso, treinar, comecei a conhecer assim o Brasil todo também, o serviço de saúde, comecei a conhecer a partir daí. Porque a minha primeira viagem no Brasil foi lá nos departamentos de Preventiva, lá nas universidades. Agora, essa foi pelo serviço, ia pra os estados, fazia curso, treinava as pessoas, depois as pessoas repicavam aquilo... Eu sei que o Brasil inteiro foi treinado nisso, nesse pacote que a OMS fez e que a gente traduziu e adaptou pra o Brasil.

CF – É super importante, interessante (??) (*falam ao mesmo tempo*)

ML – Foi uma coisa bem grande. Em 83, 84, aí eu comecei a me envolver com as coisas da criança, me comover, quando eu comecei a mexer com a vacina e aí resolvi fazer um projeto, não sei, convivendo com a OPAS e as pessoas e comecei a mexer com diarreia também, que

era outra questão importante. Era as imunizadas que tinham uma solução à mão, as diarréias que tinha a questão de saneamento, mas já se começava a falar na hidratação sal oral, que ia se ter uma solução pra isso também, aí eu me adeqüei também, me envolvi com essa idéia. *(falam ao mesmo tempo)*

CF – A experiência da imunização te mostrou...

ML – Me trouxe pra o mundo da criança.

CF – ...e pra outros problemas, né, pra outras áreas.

ML – Exatamente. Aí comecei a mexer com diarréia. Aí fiz um projeto de pesquisa com a ajuda do Barata, um desenho super bem boladinho de um estudo de corte, aqui nessa favela, dois cortes: era na Vila do João e aqui. A Vila do João era saneada e aqui não era. Essa favela nossa, aqui não tem saneamento adequado. Pra acompanhar e ver as diferenças e ver o que é que acontecia e descrever o problema da diarréia, inclusive com toda a parte de laboratório. Que quem fazia era a Maria Auxiliadora de Oliveira, a Dora, que... ela fazia a parte de laboratório que é uma parte complexa que nem se fazia muito aqui no Brasil. Alguns lugares fazia: a USP e no Fundão também tinha um pessoal que fazia, que elas identificavam os agentes sofisticados que era a *Escherichia coli* e (*entero-toxigênica?*) (*entero-patogênica*?), tinha vários tipos. E *(entero-invasivos?).* Então tinha uma complicação de laboratório. Bom...

CF – (?) conseguir identificar...

ML - ...os agentes e também toda a diarréia viral. Fazia rota-vírus, eu fiz com o doutor... com o dr. Hermann, ele que me ajudou na parte de rota, ele é que fazia. Aí comecei a fazer essa pesquisa e pra fazer ela eu ganhei um financiamento da OPAS. E ganhei um PC, um computador em 80 e poucos. Olha, o Eduardo Costa tinha um computador aqui no departamento, eu acho que o meu foi o segundo. (*risos*) Que era dificílimo, ninguém tinha!

CF – Imagina, isso era...

ML – 83... Veio importado. Foi uma loucura pra esse computador chegar. Ficava numa sala, só eu. Porque era assim, uma coisa.

CF – Mas Duca, e nessa época, você só se dedicava à pesquisa ou dava aula também?

ML – Não, eu dava aula também. Mas eu... o que eu mais gostava, eu sempre gostei muito de fazer pesquisa, mas eu gosto muito mesmo. Mas dava aula também. Mas fazia mais pesquisa. Aí comecei com essa coisa dessa pesquisa e aí a gente publicou alguns artigos, aí fiquei nessa área de... (*interrupção da fita*)

## Fita 2 - Lado A

ML – Então eu vou passar agora pra o tema da ENSP, um pouco dessa coisa da ENSP com os movimentos (*falam ao mesmo tempo*) acontecendo aqui na ENSP. Então nessa época, voltando aos tempos de 74, por aí, começam os cursos de Saúde Pública regionalizados da ENSP. Foi criado pelo Arlindo, foi a coisa mais importante talvez, eu não digo a mais porque é difícil, mas foi uma coisa importantíssima que a ENSP fez, tudo na época do PESES e PEPE, foi pra começar o movimento da ENSP com os serviços de saúde. Então aí foi uma penetração da ENSP dentro do Brasil, esses cursos de saúde Pública regionalizados.

CF – Descentralizados (??)...

ML – Descentralizados. Criado pelo Arlindo e assim começou o movimento, criou-se as Escolas de Saúde Pública em função desse movimento da ENSP. Foi uma coisa assim bastante importante. E aí na década de 80, esse movimento de aproximação com o serviço de saúde vai se consolidando.

CF – Através dos cursos (??).

ML – Através dos cursos, foi demonstrando como através da OPAS e dessas, digamos, solicitações que aparecem que eu te contei em particular, um foco em cima de mim, da minha experiência mesmo, do programa de imunização, que depois eu passei pra o programa de diarréia que tinha também todo o material de treinamento também, trabalhei à beça nisso pra o Ministério treinando, nós fizemos uma parceria muito grande com o serviço de saúde. Ou através de cursos formais ou através desses treinamentos. Porque nós éramos chamados, identificados como professores e chamados a ajudar. Então nós treinamos assim barbaridade a rede. E...

CF – E sempre havia convênio com os estados ou com as secretarias de saúde dos estados?

ML – E às vezes era o governo federal quem pagava pra ir treinar nos estados. Naquela época ainda tinha uma concentração muito grande de recurso e de poder no federal, né? Então era muito comum pagar pra pagar o deslocamento e tal pra a gente ir fazer esses cursos.

CF – Mas como é que se dava essa relação com os serviços locais, quer dizer, com os profissionais dos serviços de saúde locais...?

ML – O Ministério articulava isso. Através das coordenações estaduais e as coordenações estaduais com as locais. Então se organizava, era tudo numa cadeia. E a ENSP foi se envolvendo cada vez mais, se voltando pra dentro do serviço de saúde <u>mesmo</u>, formando pessoal. Por isso que eu não sei, mas... eu não sei como isso, não tem como quantificar, mas a importância dessa instituição na constituição do Sistema Único de Saúde do Brasil é enorme.

CF – Na formação de quadros (??).

ML – Porque esteve formando as pessoas nos mais recônditos lugares, nas mais diferentes frentes. Por isso que ela tem esses dois braços tão bem demarcados, né? A área acadêmica e essa área de envolvimento mesmo com o serviço de saúde, que aliás é a função social da

ENSP e da Fiocruz por ser do Ministério. Então isso, na década de 80, a ENSP vive esses dois movimentos. Um movimento de grande crescimento da área acadêmica científica da pesquisa e um movimento de grande envolvimento também com os serviços de saúde nos cursos regionalizados, depois nos cursos de especialização por área específica: epidemiologia, planejamento... de ciências sociais nos estados. Porque não foi só o curso básico de saúde pública que foi, esses outros também, especializados, foram formando pessoas, né, em grande quantidade. Grande, grande, isso aí tem os números aí na ENSP, foi uma barbaridade de gente que se formou. Então cresceu muito, essas duas áreas juntas, né, cada uma com a sua expressão e com a sua importância, mas por vezes sendo as mesmas pessoas. Por exemplo: eu estive nos dois movimentos, entendeu, porque eu sou uma pesquisadora, mas eu sempre tive muito... acho que não só eu, acho que quase todo mundo aqui tem, quase todos, essa... essa coragem mesmo com a coisa do desenvolvimento do sistema de saúde. Então as pesquisas, elas têm a ver com isso, uma grande parte das vezes, né? Aqui na Escola Nacional de Saúde Pública. E nessa década de 80 eu também tive uma passagem muito grande pelos quadros assim dirigentes da ENSP. Porque é assim, eu fui... não sei agora o ano, mas a primeira gestão do Paulo Buss eu fui coordenadora de... de pesquisa da gestão dele. Eu fui como se fosse... porque aqui tem o diretor e...

CF – ...os coordenadores de lá...

ML – ...como se fossem os vice-diretores de pesquisa, ensino e extensão. Eu fui. Depois eu fui, coordenei a pós-graduação da ENSP por um período. No qual eu também estive na coordenação da pós-graduação. E depois, antes da coordenação da pós-graduação, eu acabei na direção da ENSP por um período também que não foi muito longo porque na verdade foi na gestão, a segunda gestão do Paulo, né?

CF – Foi. Na década de 90, né?

ML – Na década de 90. 90 e... 90 a 92, né? 90 a 94. 90, não, de 89 a 93, eu acho. Não foi?

CF – 90 a 92.

ML – É. Então, esse período aí, esse período... o Paulo entrou em 80 e...? 88, não, na direção.

CF – É, porque aí ele fica porque ele sai pra vai (??)...

ML – Ele vai pra lá pra ajudar o (?). Vai pra o serviço (?) de ensino. E eu fico no lugar do Paulo na direção da ENSP. Antes disso eu era coordenadora de pesquisa da ENSP na gestão dele. E foi assim, uma gestão super movimentada aquela que o Paulo assumiu e coordenou a ENSP e fez uma porção de coisas, enfim... nós estávamos em 80 e...

CF – Como é que era a atividade da, quer dizer, qual era o seu papel como coordenadora de pesquisas? Isso é uma...

ML – Eu fiz uma coisa importante, sabe? Nós fizemos nessa gestão, do Paulo, uma coisa importante, na coordenação da pesquisa. Que foi... produzir uma obra coletiva da ENSP pra a ECO-92. Lembra da ECO-92?

CF – Lembro, lembro!

ML – Então, o Paulo estava na direção da ENSP e eu estava na coordenação de pesquisa, exatamente. Então naquela época a gente decidiu na direção da ENSP que não deveríamos deixar a questão da saúde passar em branco naquela oportunidade devido as enormes relações do ambiente com a saúde. Aí resolvemos fazer e eu fiquei, fui eu que assumi isso, fui eu que coordenei todo o projeto, fiz junto com o Paulo Sabrosa, o Paulo Buss estava na direção, mas quem fez o trabalho mesmo fui eu e o Paulo Sabrosa, que na época era casado comigo, né? A gente trabalhou nisso juntos. Nós fizemos um conjunto de debates importantíssimos sobre a questão da saúde e ambiente aqui na ENSP durante um período de seis meses. E depois durante os outros seis meses pra uniformizar conceitos e...

CF – Como se fosse um seminário?

ML – Um seminário. Durante um período com grandes especialistas, que nós trouxemos o Nilton Santos... gente assim de primeira pra discutir aberta da Universidade Federal do Rio de Janeiro... pra gente uniformizar conceitos e depois escrevermos com um *back ground* comum os textos fazendo uma reflexão sobre essa questão da saúde em ambiente na atividade, na produção científica de cada um dos pesquisadores que iam escrever os textos. E foi mais ou menos convidado em aberto e quem se interessasse participaria do seminário, depois faria um texto. E nós fizemos então um texto assim, um livro que é uma pena, ele é esgotado, não tenho mais nenhum exemplar dele porque roubaram o meu, que foi um livro marcante. Talvez... foi mesmo, muito lido...

CF – Como é o nome?

ML – Chama "Saúde, Ambiente e Desenvolvimento". Foi um livro de dois volumes aonde o primeiro eram os fundamentos assim era uma discussão mais conceitual, mais teórica e o segundo era a aplicação nas áreas particulares. E foi um livro assim muito importante e a gente lançou ele na ECO, entendeu? A Fiocruz esteve presente, muito assim... a gente esteve lá e fez bastante barulho, bastante movimento. Foi muito bom. Então eu acho assim, que na minha passagem pela coordenação de pesquisa nesse período, isso foi a coisa mais importante que aconteceu porque eu acho que a gente conseguiu fazer naquela época um trabalho e uma reflexão coletiva, que precisa acontecer nas instituições.

CF – E isso envolveu todos os departamentos da Escola?

ML – Todos os departamentos. Foi um movimento, um verdadeiro movimento intelectual, entendeu, que aconteceu naquele período. E foi muito, muito importante, foi muito... interessante, foi muito rico... e produziu esse resultado que foi assim... é um livro super lido. Até hoje as pessoas me escrevem pedindo e eu não tem. E na verdade nós não podemos refazer, eu até vou conversar com o Paulo...

CF – Não pode? Mas por que não uma 2ª edição?

ML – Porque não foi editado pela Fiocruz, foi editado pela (*UCITEC?*).

CF – Ah, mas pode fazer um acordo, pedir uma autorização (?) interesse...

ML – (??) Eu acho que seria muito interessante porque é um livro que... – vou até falar com o Paulo – vou fazer um... eu não sei se é o caso de a gente fazer ele e reler, fazer uma releitura dele.

CF – Porque é uma coisa comum. Você tem publicações antigas que as editoras novas não se interessam mais...

ML – Não se interessam. Mas foi uma publicação muito assim, foi muito... até hoje ainda tem pessoas que têm conhecimento e têm contato e ficam impressionadas. Porque foi uma profissão muito bonita que a gente fez, muito mesmo. Então teve essa coisa de que o mais importante, além de ter feito um bom trabalho assim nessa coisa da, ficou registrada no livro, foi um documento de discussão acadêmica que houve na ENSP naquele momento...

CF – ...em torno dessa...

ML – ...em torno de um tema, entendeu, que uniu todos os saberes da ENSP. E isso é uma coisa assim que é muito legal e que precisa ter, entendeu? E que a ENSP não tem tido. Eu acho que é fundamental ter essa coisa. Eu também fui diretora do Centro de Estudos da ENSP, aliás fui eu que criei.

CF – Ah, foi você que criou?!

ML – Fui eu a primeira. E foi comigo que ele foi mais brilhante (*ri*), modéstia à parte. Mas olha, o Betinho veio aqui, trazido por mim, todos os temas que entravam em pauta eu trazia. O Betinho, a discussão da Aids e de todo o movimento... que começou aí, de uma discussão da solidariedade que o Betinho começou a fazer, ele veio fazer essa discussão aqui no Centro de Estudos da ENSP, foi eu que chamei. Aliás era um Centro de Estudos de 'arrombar', na época que eu fui presidente dele grupo. Eu fui durante muitos anos porque ninguém queria ser.

CF – Em que época foi isso? Ainda... (*falam ao mesmo tempo*) ...

ML – Não vou lembrar a época...

CF – (???) pra você assumir a coordenação de Ensino (??)?

ML – Foi antes, foi antes. Foi talvez nesses 80, começo de 80, assim. Eu fiquei uns 4 anos ou mais. O Centro de estudos era assim o máximo! Saía no jornal. Tudo que acontecia no Centro de Estudos saía no Globo, no dia seguinte, no Jornal do Brasil. Porque tudo que estava

em pauta eu trazia assim, foi uma época de muita vivacidade assim, o Centro de Estudos nosso. Depois ele, não sei, as pessoas... as pessoas iam mais, era uma época também... tem muitas coisas que mudaram, né, agora as pessoas estão muito assoberbadas, fazendo muitas coisas dentro da sala e às vezes não têm essa...

CF – E uma coisa muito mais, que eu sinto, é que o nível de especialização...

ML - ...muito maior.

CF – ...e de orientação da área de conhecimento, né, acaba impedindo uma interligação, né? (??) (*falam ao mesmo tempo*)

ML – É. Isso eu acho que... é um equívoco, eu acho que a especialização não deveria impedir, (*falam ao mesmo tempo*) quando ao contrário, a especialização deveria necessitar disso. O que está acontecendo aqui e talvez as pessoas até sintam um pouco essa necessidade, o que eu acho que está acontecendo é que as pessoas estão assoberbadas no momento, nos últimos tempos agora, com uma produtividade enorme que elas têm que mostrar pra sobreviver. Por exemplo, a gente tem que produzir muitos artigos pra poder continuar tendo bolsa (?) do CNPq, porque é muito competitivo, pra ganhar mil reais de complementação salarial, além do que não só os mil reais, mas isso dá um prestígio para a pós-graduação. Então a nossa pós-graduação, a gente quer que ela tenha uma nota ótima, então os professores ficam fazendo a maior força pra poder a Fiocruz ter um bom desempenho e daí, pra ter desempenho, elas têm de morrer de trabalhar e produzir mais do que o dos outros lugares que vão tentar derrubar a sua profissão, produzir mais (??)...

CF – O nível de competitividade...

ML – ...acadêmica enorme como nunca tivemos, então as pessoas passam o tempo todo trancadas na sala trabalhando, entendeu, no computador! Fazendo artigo pra publicar, conversando com aluno, preparando aula, fazendo o trabalho delas. E elas têm tido pouco tempo pra trocar, mas o que eu sinto é que elas, assim, pelo menos aqui no meu departamento, eu acho que elas sentem muita necessidade. O que está faltando é oportunidade, agora eu acho que a oportunidade pode existir e elas irão. Porque elas sentem necessidade. Pelo menos aqui no meu departamento, eu sinto que eu converso mais com as pessoas, elas sentem necessidade e sentem que elas crescem quando fazem esses contatos com outras áreas. Entretanto tinha que ser alguma coisa que realmente fosse bem chamativa pras necessidades delas, entendeu? Não pode ser pouca coisa, tem que ser uma coisa... Aí talvez essas coisas tenham algum grau maior de especificidade do que antes, talvez, não sei. Talvez não, talvez alguns até chamariam muita gente ou chamaria (*falam ao mesmo tempo*). Eu ..., mas eu acho que está faltando isso, nós estamos numa época de muito trabalho, assoberbados, eu acho, aqui na Instituição.

CF – Mas isso é uma coisa geral. (???)

ML – Nós temos muito mais alunos que antes, e alunos de mestrado e doutorado. E assim, a ENSP nos últimos anos, ela... ela assim, acho que... mais que duplicou. No último ano, eu vi

um relatório da pós-graduação, ela mais que duplicou o número de alunos do mestrado no último ano. Então isso é uma coisa de louco, entendeu? Você duplica o número de alunos, mas não duplica o de professores. Então as pessoas estão dobrando a sua tarefa de orientação porque a de mestrado é diferente da de outro curso, né, você tem que orientar, então gasta um tempo grande com ele.

CF – É. E hoje a demanda por mestrado, as pessoas acabam a faculdade, já estão...

ML – Já estão querendo. Então já está acontecendo isso na nossa instituição, que é uma coisa boa, mas que também traz essas, esse, digamos, esses (?), que eu acho que devia achar um jeito de contornar eles porque também ficar isolado não é um bom caminho. Mas nessa época nós conseguimos...

CF – (*Conservar*?) pois é, esse espaço. Quer dizer, (???) importante pra isso.

ML – É. Mas eu não acredito que isso está pedido. Eu acho que está faltando ser capitaneado, entendeu, de uma forma adequada. Eu acho que não está perdido não, essa vontade de troca, de pensar, como é diferente de vocês, de um mesmo tema... Todo mundo sabe que isso é de um enriquecimento fantástico, as pessoas sentem isso. Então nessa época foi muito interessante. Na época que eu fiquei na direção, que foi um tempo curto, eu entrei assim pra substituir o Paulo, primeiro eu entrei achando que eu não ia conseguir nem dar conta, porque eu nunca tinha me proposto àquilo.

CF – Mas de alguma maneira você estava próxima por ser coordenadora de Ensino...

ML – Estava!

CF – ...estava acompanhando, fazia parte da direção...

ML - ...fazia, da direção, mas eu tive medo de entrar naquela época, primeiro porque o Paulo é uma figura muito difícil de substituir, o Paulo Buss. Porque é uma figura exuberante e ele tem aquele jeito grandão de fazer as coisas, que todo mundo nota e eu não sou do jeito dele, né? Mas você sabe que eu, eu fiz bem a ENSP assim, eu acho. Porque... assim, primeiro: era uma época que as coisas não eram tão transparentes como hoje, hoje as coisas estão muito mais transparentes. Ainda não estão aonde deveriam estar, mas na época eu até talvez porque estava nessa situação que eu estava substituindo, eu assim... foi tudo muito transparente. Tudo que a ENSP... eu tornei público tudo que era... que estava disponível pra direção decidir e coletivizei as decisões. Então isso foi uma coisa bem legal assim que as pessoas gostaram muito, a minha gestão foi curta marcada por uma lembrança muito boa aqui na ENSP. porque eu fiz isso, eu tornei as coisas assim (*falam ao mesmo tempo*) (????)

CF – As decisões foram coletivas, né?

ML – Foram. Foram coletivizadas, inclusive o orçamento, tudo, entendeu? Foi muito aberto tudo e foi tanto que queriam que eu continuasse até hoje, (*ri)* eu sou perseguida...

CF - ...pra voltar...

ML - ...pra voltar à direção, porque as pessoas gostam, gostaram assim... Lembro com bons olhos aquela época que eu consegui dirigir com harmonia e também com bastante presença física também porque eu fiquei tomando conta da ENSP assim e de forma que hoje a gente brinca muito aqui e diz que a ENSP está precisando de uma... todas as mulheres, precisando de uma mulher pra tomar conta... Porque os homens, eles são muito legais, mas eles não sabem tomar conta direito,

CF - ...têm outras...

ML - ...tomar conta de algumas coisas, têm outro olhar. Mas foi um período curto e interessante assim, a experiência pra minha vida foi muito, eu fiquei... bom, dirigir essa Instituição, eu acho que pra qualquer um que passa por essa experiência é uma coisa que deixa uma, dá uma responsabilidade muito grande e deixa assim a gente orgulhoso de ter tido essa experiência, foi o que aconteceu comigo. Mas...

CF – O que é que você destacaria assim da sua gestão? Foram dois anos, né, quer dizer, você está...

ML – Foi uma coisa bem curta...

CF – Você já ressaltou desse processo de decisão mais coletivo, mais transparente...

ML – É. Deixa eu ver. Eu acho assim, não teve tempo pra fazer nenhum efeito porque não chegou a ser dois anos não. Foi de um ano pra o outro, entendeu, ficou um tempo menor. Ah, e depois... *(ri)* na verdade eu não tive oportunidade de fazer nenhuma grande coisa porque foi uma complementação de um mandato que...

CF – Mas não é um mandato seu...

ML – Não, foi muito bom. Foi uma complementação do mandato do Paulo, né? que eu acho que eu completei à altura do que ele começou, do que ele fez e tal. Foi muito... completamos bem o período do mandato e eu fiz uma... eu fiz uma homenagem a ele – eu quase matei o Paulo *(ri)* – porque ele não sabia e eu convidei ele pra vir aqui como se fosse pra uma reunião lá na direção e tinha preparado uma festa, né, pela saída dele porque ele tinha sido convidado pra um posto maior, pelo reconhecimento do trabalho e tal... e o Paulo que é chorão – ele é chorão o Paulo, né? – Essa criatura chorou tanto, mas tanto, não conseguia... trouxe o filho, trouxe a empregada que praticamente criou o filho dele, né? E todos os professores falaram alguma coisa. Uma coisa super informal assim, depois a gente fez um coquetel pra ele. E ele chorou muito, ele chorou muito (???) (*risos)* chorar como ele chorou tanto! Mas foi uma coisa assim... legal. Foi bom ter trabalhado no período dele. Agora, o que é que eu fiz assim de grande, não fiz nada porque não houve tempo! Eu apenas dei continuidade ao que estava acontecendo porque era minha tarefa, nem cabia fazer uma... uma... (*CF fala algo*) possibilidade, né? E depois disso eu fui pra Pós-graduação e aí tive um mandato na Pós-graduação. Aí eu mexi, na pós-graduação todo mundo mexe. Porque ela está cada vez melhor,

entendeu? Então... aí fiz uma porção de coisas, arrumei um bocado a Casa... na Pós-graduação eu organizei toda a parte de estruturação da secretaria acadêmica da Pós-graduação, que era separada lá da ENSP... deu um trabalho enorme e...

CF – Agora é junto?

ML – É. Não, na época que eu fui, né? Faz tempo que eu fui diretora da Pós-graduação. Arrumei bastante a Casa, também tornei absolutamente transparentes os processos de distribuição de bolsa, os alunos passaram a participar de todas as comissões e definir critérios assim absolutamente que não fossem... claros, entendeu? Coisas assim que são importantes. Se eu te perguntar qual é... por onde eu passei... a minha contribuição maior é deixar a Instituição mais democrática, é não ter caixa-preta, é não ter, entendeu, decisão debaixo do pano, eu realmente acho que a gente só vai ser melhor quando a gente... a gente tem sido cada vez melhor, eu acho, a Fiocruz. E uma das coisas que fazem a gente se tornar melhor é a instituição de um processo democrático aqui na gestão da Instituição. E eu quando passo pelos cargos que passo, que já passei, a minha... tive uma... um zelo enorme por isso. Porque eu acho que se a gente fizer isso a gente vai evitar de ter maus diretores, a gente vai dificultar ou pelo menos tornar muito difícil o trabalho de um mau diretor, de uma pessoa que queira agir em benefício próprio em detrimento da qualidade da instituição... Então isso eu acho que é uma coisa assim (*falam ao mesmo tempo*) ...

CF – Ter mais controle sobre o processo de gestão. Né?

ML – Naturalmente. Eu acho que tem que ter um controle coletivo, eu acho que o indivíduo vai fazer pouco, sozinho. O que é o ideal, porque a gente sozinho erra mais do que com outros, não é? Então o ideal é esse, eu acho.

CF – E como é que você vê, Duca, quer dizer, só pra gente poder fechar. Quer dizer, a sua passagem pela direção, depois pela pós... isso foi no início da década de 90, quer dizer, já se vão quase 10 anos, né? Como é que você vê a Escola nessa segunda metade dos anos 90, início do ano 2000...?

ML – Sabe que eu acho que a ENSP, o que está acontecendo com ela, ela está, como eu te falei antes, acho que está num momento agora, mas tem num processo agora, a gente olha, como um processo nos últimos anos de um aumento brutal de preventividade em todos os campos. Eu acho assim, na área da produção científica mesmo é uma mudança da água pra o vinho, eu te diria que talvez, de uns 5, 6 anos atrás pra hoje, mas muito tem aumentado a produção científica, a publicação em ótimas revistas... a produção de conhecimento mesmo, entendeu? A... tem melhorado demais também, que eu noto, a própria formação dos nossos alunos. Isso é uma coisa que a gente tem dificuldade de mexer, de medir. Mas eu, atualmente, eu coordeno seminários de doutorados da ENSP. Eu sou a coordenadora dessa disciplina, tem uns 3 ou 4 anos... 3 anos, eu acho que eu estou há 4, agora, estou agora nessa função. Eu já fui disso há muito tempo atrás, já estive nesse lugar, e eu vou te dizer uma coisa: o que está havendo de melhoria, nas teses dos alunos da ENSP em relação a um período pregresso, é inacreditável! Mostrando muitos já foram alunos nossos do mestrado mostrando assim como se tem aprimorado a formação dos alunos que estão passando por aqui, a partir da

passagem por aqui. Claro que é bem provável que tenha também um efeito aí de que eles venham com mais (?). Isso eu não tenho certeza, mas sei, e isso eu posso assegurar, embora não possa te dar números, de que há uma melhoria grande na qualidade dos cursos que nós estamos oferecendo. Aqui no meu departamento em particular, que eu acompanho de perto, eu conheço o que a gente está fazendo, muito, na pós-graduação, há sim uma melhoria de qualidade assim crescente no ensino de epidemiologia, da estatística, há uma melhoria muito grande de qualidade. Há um aprimoramento. Então eu acho que a ENSP deu, eu suponho que esse processo está acontecendo nela toda. Eu vejo mais de perto aqui e vejo de alguma forma o reflexo disso nos alunos de doutorado que vêm de todas as áreas. O que eu te digo é que é muito diferente do que era antes. As teses, as propostas de teses, a metodologia que se está trabalhando pra se chegar aos resultados das pesquisas, realmente tem uma melhoria grande...

CF – Você faz algum tipo de relação desse processo dos alunos com um investimento mais intensivo na área da pesquisa? Quer dizer, na produção científica? Você acha...

ML – Claro, claro...

CF - ...que tem uma relação...?

ML – Tem uma relação com isso. Que enquanto... eu acho, se você estuda muito pra produzir, você vai ser melhor professor, vai ter maior conhecimento. Tem toda uma discussão que pode não saber dar aula, entendeu? Que tem uma discussão enorme: que conhecer não é saber transmitir. Entretanto, uma pessoa que sabe muito e que estuda muito, à proporção que você publica, você faz isso cada vez mais, senão você não consegue publicar porque as revistas não aceitam o seu artigo, você tende a ser um professor com muito mais conhecimento a passar. Se passa direito, aí é um outro problema...

CF – Aí a questão, sabe o que eu fico pensando? É como conciliar, dá pra conciliar esse investimento (*falam juntas*) na produção científica com as atividades acadêmicas, orientação dos alunos pra dar aula...?

ML – Não, isso é uma coisa colabora com a outra, totalmente. Deixa eu te dizer como. Os professores hoje que estão dando aula no mestrado e doutorado, praticamente todo mundo aqui porque quase todos, 100% têm doutorado, então eles todos estão nesse processo... esses professores ao fazerem uma tese, pra trabalharem com o aluno numa tese ou numa dissertação de mestrado, eles são co-autores nesse artigo. Então eles, de alguma maneira, eles também, a produção científica deles conta, o ensino volta pra produção científica.

CF – Então contribui (?).

ML – Isso, conseguiu se chegar, dá trabalho porque você faria aqui, sozinha, faria mais fácil, porque está fazendo num processo de ensinar. Entretanto outro processo de ensinar é desafiador pra uma série de coisas pra o professor e pra o pesquisador. Eu acho essa relação assim maravilhosa. Eu acho que só há crescimento nela. Eu não consigo entender um professor sem pesquisa e a pesquisa sem ensinar. Um pesquisador também que vai aprender,

mas não quer ensinar pra ninguém. Eu acho que ele tem que fazer isso. Eu acho que essa conjunção aí... Então, de forma que não é um peso, eu acho, aqui pra nós, dar aula.

CF – São complementares, né?

ML – É uma satisfação. Porque esse é o aluno que depois vai crescer, entendeu? Que vai publicar com você e vira até uma relação de amizade e tudo. Uma coisa muito boa.

CF – Mas deixa eu te perguntar uma coisa, Duca, fechando essa lógica. Quer dizer, que é no fundo uma tradição da própria Escola e do trabalho dentro da área de saúde pública, de conciliar atividade acadêmica, atividade de pesquisa e trabalho com as comunidades, com os serviços...

ML – Isso.

CF - ...né? E aí como é que está isso hoje?

ML – A parte das comunidades (???) ...

CF – A relação da Escola com essa parte mais comunitária, dos serviços...?

ML – Olha, a parte comunitária eu poderia te falar não tão bem porque eu não estou acompanhando muito, mas tem um trabalho grande da ENSP – eu não estou muito perto disso – com essa comunidade aqui, que você sabe, da cooperativa e tudo que começou, que é da Fiocruz, começou aqui na ENSP, na gestão segunda do Paulo Buss. Então eu... não poderia... te dizer detalhes porque eu não acompanho, mas tem um trabalho grande, tem um trabalho grande da Unidade de Saúde com essa comunidade também, na área da produção da saúde tem um trabalho importante com as escolas e com os grupos de associação comunitária e com as pessoas que vêm aqui ao serviço, eles fazem inclusive eventos pra comunidade e tem um trabalho grande. Eu não sei muito te dar detalhes porque é uma coisa que eu não estou acompanhando muito. Mas a outra parte, que é a parte que eu acompanho de perto, tem relação com os serviços de saúde, nós temos uma, digamos assim, uma versão... dessa relação na formação de recursos humanos agora, moderna, atual, que são os mestrados profissionalizantes. Esses cursos nada mais são do que uma re-atualização daquele antigo... daquele antigo momento da ENSP quando fez os cursos de saúde pública, que naquela época eram os cursos...

CF – Cursos descentralizados.

ML - ...descentralizados de Saúde Pública. Era uma versão totalmente diferente porque era uma pós-graduação *stritus senso*, mas retoma a mesma idéia de formação qualificada, de quadros qualificados pra o sistema de saúde. Que naquela época era formar o especialista, não tinha nada, era zerado. Hoje é formar o mestre. Então é uma re-atualização porque a ENSP está sempre fazendo isso porque ela tem duas feições: é uma feição que é ligada com a coisa do serviço de saúde, do olhar para a sociedade e uma outra que é ligada – também é ligada pra sociedade, mas com um olhar diferente – que é a ordem acadêmica, né?

CF – É. Por isso que eu te perguntei porque você então... (falam ao mesmo tempo)

ML – (??) o tempo todo. Continua, ela é re-atualizada nos mestrados, (??) que hoje corresponde à mais da metade dos alunos de mestrado... (*interrupção da fita*)

**Fita 2 - Lado B**

ML – ...fazendo parte da Comissão Nacional de Epidemiologia, eu tenho várias militâncias, essa militância também é importante, minha. Eu conheço muito bem. Não teve uma única instituição que tivesse entrado nessa experiência com essa intensidade que a ENSP entrou.

CF – Dos mestrados profissionalizantes.

ML – Não teve. Nenhuma. Nós temos hoje na área da saúde coletiva, sabe quantos mestrados profissionalizantes? Eu acho que a Bahia tem três, quatro, dois em andamento e dois já concluídos... acho que é assim... Mas dois já concluídos porque começou antes, mas tem dois em andamento. A... Santa Casa de Misericórdia está começando um... A UERJ teve um curso, parece que vai começar outro. E a ENSP tem seis diferentes cursos. Sendo que dois já estão na segunda turma. Só pra você ver o tamanho da intensidade com que essa instituição entrou nisso e não entrou antes por questões internas aqui de discussão que demorou até se aceitar, enfim, que a pós-graduação tivesse essa feição também. Mas ela entrou de cabeça porque esse é o espaço dela, porque esse é o espaço histórico dela...

CF – Do corpo-docente...

ML - ...o espaço histórico dela.

CF – O corpo-docente é o mesmo dos mestrados tradicionais...?

ML – É o mesmo, é o mesmo, com pequenas incorporações de pessoas que são dos serviços que têm uma formação de doutorado que vêm dar aula nesses cursos. Mas entrou tanto que hoje é maior que o mestrado acadêmico dela, só pra você ver o tamanho da coisa. Então é avassaladora a experiência. E está entrando com muito sucesso. Acho que os cursos estão seguindo muito bem e eu estou coordenando isso agora lá na vice-presidência.

CF – Os mestrados profissionalizantes.

ML – Eu estou lá na vice-presidência da Fiocruz, cuidando disso exatamente. Então é uma coisa que eu conheço e a Fiocruz, conheço bem da ENSP, porque fui coordenadora de um curso aqui e é uma área como eu lhe falei, que tenho dentro do meu coração, né, cuidar dos serviços. Acho que a gente não pode fazer uma boa instituição, uma boa Fiocruz se a gente não tiver isso...

CF - ...desvinculado, né?

ML - ...totalmente dentro da gente, entendeu? Que é obrigado a: sabe, repassa; sabe, repassa. O que aprende tem que ensinar. Pra lá, pra os serviços, não só pra os alunos que vão pra as instituições acadêmicas. Então eu estou lá na vice-presidência agora, coordenando junto com o Ricardo, a...

CF – Ricardo...?

ML – Ricardo Santos, que está coordenador da pós-graduação. Eu estou com ele porque eu fui, mas com uma tarefa, eu falei: "Eu só quero ir se for uma coisa assim menor porque eu estou muito cheia de coisas". Aí eu fui cuidar disso. Menor de tamanho, mas não de importância. E eu estou coordenando e essa parte de mestrados profissionais da Fiocruz, que já têm a experiência de Biomanguinhos, que o IOC criou primeiro e nós vamos, devemos iniciar o outro que é do Fernandes Figueira que amanhã eu vou ter uma reunião pra ver se a gente deslancha esse ano e a ENSP tem essa... Quer dizer, começou que na ENSP agora está se expandindo pra Fiocruz.

CF – Os da ENSP, me fala rapidinho, quais são, só pra gente fechar o mestrado.

ML – Olha, tem um em Vigilância Epidemiológica que já está na segunda turma; tem outro em Gestão em Ciência e Tecnologia em Saúde, que está começando a segunda turma; tem um que é... foi, já acabou, que foi pra o quadro da (*FAS*?), e que era em Gestão em Serviços e Saúde; tem um outro que era... – ó, meu Deus! – um outro que é pra... Agência Nacional de... – essa agência Nacional que a gente tem de seguro, de programa de seguro-saúde, como é que é o nome dela?

CF – Ah, tá, que regula o sistema...

ML – A reguladora. Tem um curso também na área de Gestão e de Regulação... que eu não me lembro. Eu vou apurar os nomes...

CF – (??) regulação.

ML – Exatamente. Tem (??) (*falam ao mesmo tempo*). Essas coisas são muito voltadas para a necessidade da clientela, esse curso aí. Não dá pra falar esse curso é diferente do mestrado acadêmico, ele é desenhado pra responder à necessidade da clientela e inclusive a clientela, quem sugere quem compre, tudo o público, né, quem compra é o público, mas quem cumpre o curso já diz: "Olha, o que eu preciso é isso. Você vê o que você me oferece, daí você mostra o que pode oferecer." Tem outro...

CF – É porque eu acho que é legal pra ter uma noção, quer dizer, como ele tem uma relação estreita com...

ML - ...com as áreas da ENSP, entendeu? Então dentro da área da Epidemiologia são as áreas de vigilância, que é a expressão da Epidemiologia nos serviços. E na área da gestão, Ciência Tecnologia e Saúde... tem esse da ...

CF – Agora me diz uma coisa, Duca, como é que isso se relaciona com a... com esses cursos de Educação à distância? É outra área...?

ML – É outra área enorme da ENSP que não está nem falada aqui porque, enfim, porque é uma coisa enorme, uma coisa de novidade assim, que não tem muito tempo que começou, mas é enorme hoje. E esses cursos nossos hoje, de mestrado profissionalizante, eles não têm essa característica de serem curso à distância. Mas eu acredito que no futuro, eu acho que eles vão tender a isso.

CF – É porque... eu não conheço muito os cursos de educação à distância, mas eles estão... eles também seriam uma forma, um desdobramento também dos cursos descentralizados, né? De alguma maneira...

ML – É, um desdobramento. (*falam ao mesmo tempo*) de fato, exatamente. É uma versão também moderna disso, né? Atual (*falam ao mesmo tempo*) contemporânea, dos cursos descentralizados, com uma capacidade de penetração incrivelmente, assim, maior...

CF – E mais barata, né?

ML – Muito mais barata e maior, quer dizer, pode aí ir no interior do Brasil, em qualquer lugar, não é, indiferentemente de quando a gente faz esses cursos que têm aí. Que tem muita parte (?), eu estou vendo se eu acho aqui...

CF – Não, é só pra gente ter uma idéia...

ML – São 5 ou 6 cursos aqui na ENSP. Eu não me lembro o nome de todos. Eu tenho eles aqui... eu não sei aonde é que está...

CF – Não tem problema não. É só porque eu queria ter uma noção (??) isso aí você já mostrou. Tem uma necessidade de atender a um objetivo específico. É uma clientela determinada e o curso é muito direcionado pra formação dessa clientela.

ML – Exatamente. Eu não sei aonde é que ele está.

CF – Não tem problema não.

ML – Geralmente não estou conseguindo encontrar esse curso porque ele devia estar... ah, não está aqui, eu sei onde ele está agora. Ele está mestrado da Fiocruz estão aqui dentro, mestrado está... ... nesse daqui. Aqui tem os cursos da ENSP, quer ver? Da ENSP e da Fiocruz. Olhe: Vigilância e Saúde, Gestão em Ciência e Tecnologia, Regulação em Saúde suplementar, Gestão do Sistema dos Serviços de Saúde e Gestão da Informação e Comunicação em Saúde. Então são vários... (??) a ENSP tem, enfim. Isso é uma coisa importantíssima. E os cursos à

distância é outra coisa importantíssima porque vai ter, inclusive vai atingir outro público, né? Porque pode...

CF – Também que atua na área de formação (??) (*falam juntas*)

ML – (?) grande e maravilhosa que eu acho que a Fiocruz está fazendo, a ENSP e a Fiocruz. E eu acho que esses nossos mestrados, eles vão tender a ter uma parte, pelo menos uma parte deles à distância porque assim tem sido no mundo todo. Esses mestrados profissionalizantes, eles fazem com uma parte o indivíduo podendo fazer e depois comparecendo pra... uma fração do curso com presencial e outra à distância. Pra baratear, tornar viável e ao mesmo tempo assegurar a qualidade dele. Mas a ENSP está com as suas facetas, duas grandes facetas assim, talvez você lembrasse aí uma que eu não incluí, mas que é um pouco diferente dessa, dessa relação com os serviços que é a relação com a comunidade, com a sociedade diretamente, né? Que é essa coisa aí do trabalho com a comunidade no em torno dela.

CF – Da própria unidade, né?

ML – Com a unidade de saúde. Também é uma vertente importante da composição, da cara da instituição. Acho que talvez a gente precisasse relacionar mais com as associações não-governamentais assim, já constituindo, a gente talvez esteja necessitando se estreitar mais nesse aspecto. Mas eu acho que a ENSP está muito bem.

CF – Só pra fechar, fazer uma pergunta que eu acho interessante também pra gente tentar amarrar. Você – em cima até das fotos que a gente estava conversando – você foi a única mulher diretora da Escola, né? E acompanhando a história do processo de formação do especialista em saúde pública, a gente vê que durante muito tempo esse foi um campo restrito aos homens, eram os médicos-sanitaristas.

ML – Certo.

CF – Né? Quer dizer, você, a sua geração, talvez uma geração mais anterior a abrir, né, pra o ingresso de mulheres nessa área, né?

ML – É verdade.

CF – Como é que você vê isso ao longo da formação? Porque eu acho que hoje em dia a gente tem muito mais mulheres atuando na área de saúde pública...

ML – É uma crescente geral, é.

CF – ...tem uma... uma... acho que você acompanhou essa mudança, né? Se você pegar o seu processo de formação mesmo, seu ingresso na faculdade...

ML – Só tinha professor, praticamente homem, né? Quase sempre os professores eram homens. E aqui na ENSP, quando eu cheguei também, a maioria era homem também. Eu mesmo sou a única mulher, né?...

CF – (*ri)* (??) em três anos da Escola...

ML – Depois virei diretora... É, exatamente. Por isso que estão pedindo outra mulher. (*risos*) Gostaram. Mas deixa eu te falar assim uma coisa. Eu acho que isso está acontecendo na nossa área, mas está acontecendo em geral, na sociedade. Isso é que está acontecendo com o lugar da mulher no mundo, né? É um lugar assim de muita importância, muito destaque, muita responsabilidade. Eu acho isso muito legal porque a geração foi praticamente foi um pouco antes de mim, uma turma que hoje no Brasil está com 60 anos, mas não muito antes disso, né, 60, 65 no máximo... é que houve essa virada de as mulheres começarem a assumir um lugar na sociedade de importância, de destaque... mas a minha geração, ela é muito parte da constituição, do início disso também. Eu acho fantástico, fico impressionada como é que puderam as mulheres ficarem tanto tempo escondidas, sabe, consideradas como menos capazes que os homens e agora que elas puderam se mostrar é o contrário, a gente tem visto o contrário. A gente tem visto, o que está se mostrando agora é que as meninas passam melhor no vestibular, elas... elas... no Colégio Militar tiveram que estabelecer um limite pra entrar porque as meninas iam tomar todas as vagas dos meninos... Não que eles sejam menos inteligentes que nós, nós temos até inteligências complementares em áreas de cérebro diferentes, maiores ou menores e isso é muito interessante, não é nenhuma competição. Mas o que eu fico impressionada é como é que pôde ficar isso escondido tantos anos, tantos séculos, né, escondido, abafado, desmerecido, desconsiderado... e agora também eu acho que a mulher está passando uma fase que ao mesmo tempo que isso é bonito, é lindo e é bom, ao mesmo tempo é ruim, eu acho assim, o excesso de tarefas que a mulher tem. Isso eu acho mesmo.

CF – É, porque isso eu acho que gera uma outra...

ML – Gera um outro sofrimento pra gente. Eu acho que isso era uma coisa que tinha que ser revista mesmo na relação com os homens. Porque nós temos uma sobrecarga e não sei por que é que a gente não morre mesmo, é uma proteção da natureza porque era pra a gente morrer mais. Se trabalho matasse, a mulher... (*falam juntas*)

CF – Mas a incidência de doença cardíaca está aumentando, nas mulheres...

ML – Está aumentando, mas ainda assim, nos países que elas trabalham há mais tempo, não sei se trabalham tanto como as nossas, porque nós aqui no Brasil temos um arquétipo de mulher antiga, né, nós... eu acho que nos países do Primeiro Mundo isso já está melhor resolvido. As tarefas domésticas são mais compartilhadas ou elas não existem quase, porque tudo vem pronto. Agora a gente aqui não. Aqui a tarefa da mãe e a postura da profissional que o homem tem. Nós estamos com uma sobrecarga grande e eu acho que isso nós temos de olhar e também acho muito feio o que está acontecendo de dizer que a mulher é muito forte como às vezes eu sempre comento, na Veja há um tempo atrás saiu, quase três vezes seguidas umas capas assim de que quando elas separam... elas crescem e eles se destroem. Aí tinha uma mulher enorme e um homem pequenininho. Essas coisas eu acho, sabe, que a imprensa (*falam ao mesmo tempo)* que a mulher é forte, o sexo forte, não era frágil, forte... Sabe, eu acho tudo isso muito ruim, eu acho que nós somos companheiros de caminhada, o

homem e a mulher, e acho só que a gente deve só dividir melhor as tarefas porque senão as mulheres vão adoecer e eu acho que também não é bom. E, entretanto, eu também fico preocupada porque eles adoecem muito, não se cuidam, os homens, e eu não sei o que a gente pode fazer mais uma vez pra ajudar. (*ri*) Porque eu acho também que a vida sem os homens é desagradável. (*risos*) Ele certamente tem um papel importante na vida, nessa alegria de a gente viver, a mulher e o homem nesse encontro e tal. Então é isso que eu acho. E ter sido a única diretora mulher eu acho que foi por acaso eu fui a primeira, mas eu acho que vão vir outras. Porque aqui tem cada mulher maravilhosa, na ENSP. É verdade. Tem mulheres fantásticas aqui que eu tenho a certeza que vão ser chamadas a serem diretoras porque têm muita competência pra cuidar da nossa instituição, tão bem como os homens vieram cuidando até agora. Mas é isso, sobre o homem e a mulher atual.

CF – É isso. É porque a gente está com uma pesquisa... duas pessoas lá da Casa, elas estão começando a trabalhar na visão um pouco mais disso, quer dizer, o papel da mulher cientista, né, como é que isso vai mudando dentro da... Não só a mulher, porque dentro da saúde a gente tem a mulher, a enfermeira, né, a assistente social...

ML – É, ocupando cargo de...

CF – ...a mulher cientista, pesquisadora *(falam juntas)*

ML – Não, e é a (??) principal, digamos assim, né, no lugar de principal. É isso é...

CF – Tem que começar a ficar atenta ao olhar para o impacto que isso tem na própria estrutura da sociedade. É o que você está levantando aí: é a divisão de tarefas, isso tem uma série de desdobramentos.

ML – Então, a gente tem cuidado muito na Comissão de Epidemiologia da ABRASCO, a maioria, que nós temos um congresso igual como tem o congresso da ABRASCO, tem um de Epidemio agora e eu fui da comissão organizadora de 5, 6... todos praticamente. Eu ajudei realmente a organizar, eu estive na comissão todo esse tempo, ajudei muito ao movimento de... da organização da nossa área, da Epidemiologia assim no nível nacional, né, em nível nacional. E aí a gente sempre lá conversa porque nós somos, a maioria é mulher (*ri*) e aí sempre na hora de definir quem é que vai apresentar, quem é que vai falar na mesa, a gente sempre botava um homem, sabe? Embora nós tivéssemos organizado o congresso, sempre organizamos, sempre...

CF – Isso era uma coisa sem consciência.

ML – ...assim inconsciente e nós fomos tomando consciência disso. Há pouco tempo que a gente tomou consciência. Por que é que nós fazemos isso conosco? Né? Então começamos e quando alguém, começa a sugerir muito homem a outra lembra. (*risos*) "Lembra do que a gente combinou?" Porque inclusive quem está fazendo esse trabalho todo somos nós, a maioria de nós é mulher. Então a gente não pode se organizar pra o homem brilhar, pra ele aparecer. Porque a gente tem essa coisa da mulher antiga, que foi a nossa mãe, entendeu? Que não tem espelho. Os nossos...

CF – Tem uma tradição, (*são culpadas*?) ...

ML - ...as nossas meninas vão ser diferentes, eu acho.

CF – É.

ML – Porque elas já vêem uma mãe, embora fazendo os trabalhos domésticos em casa também, mais do que os homens, né? Mas uma mãe já, já aparece no jornal, uma mulher importante, né? É diferente, eu acho que ela vai lidar diferente com isso.

CF – É isso, Duca. Muito obrigada, foi ótimo. (*interrupção da entrevista*)

* Essa fita não foi gravada integralmente (aproximadamente 47 minutos)